

AS EMOÇÕES E OS VALORES DOS PROFESSORES BRASILEIROS

Pesquisa coordenada por
Maria Tereza Perez Soares



Organização
dos Estados
Ibero-americanos

Para a Educação,
a Ciência
e a Cultura

AS EMOÇÕES E OS
VALORES DOS
PROFESSORES
BRASILEIROS

Pesquisa coordenada por
Maria Tereza Perez Soares



A Fundação SM e a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI) têm o prazer de apresentar o estudo *As emoções e os valores dos professores brasileiros*, que desvenda a visão dos docentes das redes pública e particular de Ensino acerca da própria profissão, seus desafios como educadores e as políticas educacionais.

Firmes aliadas no seu compromisso com o desenvolvimento da Educação e da Cultura no Brasil, a Fundação SM e a OEI pretendem com esta pesquisa contribuir para um melhor conhecimento das necessidades e as expectativas de um dos atores fundamentais do sistema de ensino, que nos últimos tempos tem se tornado prioridade para as autoridades no desenho das políticas educacionais.

Mais de 3.500 docentes de diversas regiões do país foram ouvidos nesta pesquisa, a fim de garantir o rigor científico. A coordenação dos trabalhos coube à educadora Tereza Peres, uma das fundadoras do Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária (CEDAC), e especialista na área de formação de professores. Com esta pesquisa, damos continuidade à obra científica iniciada pela Fundação SM no Brasil em 2005, com o estudo *Os valores dos jovens de São Paulo*, realizado por Yves de La Taille, seguido do trabalho *Conflitos e violência nas escolas de São Paulo*, coordenado pela pesquisadora Isabel Leme em 2006.

A pesquisa “*As emoções e os valores dos professores brasileiros*” é mais um convite da Fundação SM à reflexão; mais uma ação dentro de um amplo programa que inclui projetos de promoção social, pedagógicos e culturais com o objetivo de produzir e democratizar o conhecimento, para a construção de uma sociedade mais justa, com igualdade de oportunidades.

Igor Mauro

Diretor Geral
Grupo SM Brasil

Í

ÍNDICE

1 O MAGISTÉRIO, UMA PROFISSÃO EMOCIONAL E MORAL, 6

- 1.1. Confiança e auto-estima profissional, 7
- 1.2. As emoções no magistério, 9
- 1.3. Uma profissão moral, 11
- 1.4. As mudanças ao longo da vida profissional, 13

2 OS OBJETIVOS DA PESQUISA, 16

- 2.1. Dimensões e indicadores, 17
- 2.2. Metodologia e características da amostra, 17

3 AS OPINIÕES DOS DOCENTES, 20

- 3.1. Avaliação do magistério, 21
- 3.2. Relações entre professores, 32
- 3.3. A situação da educação, 36
- 3.4. Sentimentos e afetos, 39
- 3.5. Autoconceito e auto-estima, 46
- 3.6. Educação em valores, 53
- 3.7. Expectativas, normas e valores, 56
- 3.8. A formação do professorado, 61

4 CONCLUSÕES, 66

1

O MAGISTÉRIO,
UMA PROFISSÃO
EMOCIONAL
E MORAL

1.1. Confiança e auto-estima profissional

As tensões vividas atualmente no sistema educacional são a expressão das transformações sociais e das novas exigências que se apresentam na formação de novas gerações. O acesso à informação e ao conhecimento, as mudanças na família e nos próprios alunos, as modificações no mercado de trabalho, os valores sociais emergentes, o fluxo migratório em algumas regiões e a rapidez das transformações são algumas das características da sociedade do século XXI que afetam, sem dúvida, o exercício da atividade docente. Além disso, as pressões sobre o ensino são cada vez maiores, de modo que o professor, para quem os anos também passam, sente-se muitas vezes confuso, desorientado e perplexo. No entanto, ao contrário do que ocorre com os docentes espanhóis, o nível de satisfação do professorado brasileiro aumenta em função do número de anos dedicados ao magistério.

O magistério está enfrentando uma crise de confiança e de identidade profissional. Ambos os sentimentos estão estreitamente relacionados. A confiança permite que os professores tenham segurança nas ações que desenvolvem e enfrentem com mais força os riscos envolvidos no magistério. A confiança reduz a ansiedade, permite um julgamento mais equilibrado e facilita a inovação. No entanto, existe uma perda de confiança na sociedade pós-moderna que provoca desconfiança no que diz respeito às relações interpessoais e às próprias instituições (Troman, 2000)¹. Uma desconfiança que se estende também à escola e aos atores que participam dela: coordenação, professores, pais e alunos. A suspeita de falta de profissionalismo dos docentes está presente em muitas das relações que eles devem estabelecer e dificulta a necessária confiança mútua. As críticas permanentes sobre o nível educacional baixo dos estudantes, sobre os problemas de convivência nas escolas e as condições ruins do ensino despertam o sinal de alerta nos cidadãos e nas famílias e estendem a sensação de desconfiança em relação ao trabalho dos professores.

¹ Troman, G. (2000). Teacher stress in the law-trust society. *British Journal of Society of Education*, 21 (3), 331-353.

A confiança é, além disso, a garantia para enfrentar com acerto as novas condições do ensino e contribui para a auto-estima profissional. Confiança e auto-estima estão intimamente relacionadas e constituem o núcleo básico da identidade profissional (Zembylas, 2005)². Ambos os sentimentos supõem interiorizar determinados objetivos, saber defendê-los e colocá-los em prática, lidar tranqüilamente com as tarefas educativas com alunos, colegas e pais, sentir-se capaz de enfrentar novos desafios e situações problemáticas, assim como reconhecer os próprios erros e aceitar sem angústia as dificuldades vivenciadas nos processos de transformação. A confiança implica segurança, domínio, tranqüilidade e satisfação nas relações com os outros, uma vez que não são vividas como uma ameaça. Também expressa a auto-estima profissional e contribui para ela.

Boa parte da identidade profissional depende da percepção da valorização social. O sentimento de perda da estima e do reconhecimento social dificulta as bases da identidade profissional e reduz os vínculos entre os membros da profissão e seu sentimento de pertencimento à mesma. Quando os objetivos da atividade docente perdem seus contornos, o mesmo ocorre com suas marcas de identidade. Quando se destacam sucessivamente os conflitos e as carências da educação escolar, envia-se uma mensagem de desconfiança em relação à competência dos professores e à eficácia de sua ação. Em ambas as suposições, cada vez mais presentes infelizmente, produz-se uma progressiva perda da identidade dos docentes. Desse modo, existe uma maior probabilidade de que os professores fiquem insatisfeitos com eles mesmos e com o trabalho que devem realizar. A quebra de sua auto-estima provoca também a quebra de sua identidade e leva, inevitavelmente, à insatisfação e ao mal-estar emocional.

² Zembylas, M. (2005). *Teaching with emotion*. Greenwich, Connecticut: Information Age Publishing.

1.2. As emoções no magistério

“As emoções estão no cerne do ensino”, afirma Andy Hargreaves (1998)³ com contundência em um de seus artigos dedicados ao tema das emoções dos professores. Quase nenhum docente colocaria em dúvida essa afirmação e inclusive a maioria dos cidadãos a aceitaria sem dificuldade. O trabalho no ensino se baseia principalmente nas relações interpessoais com os alunos e com os outros colegas, de modo que as experiências emocionais são permanentes. Aborrecimento, alegria, ansiedade, afeto, preocupação, tristeza, frustração... são alguns dos sentimentos que dia após dia o professor vivencia em maior ou menor intensidade e amplitude. Alguns têm a sorte e a habilidade para fazerem prevalecer as emoções positivas; em outros, pelo contrário, predominam o infortúnio e habilidades limitadas, o que faz com que as experiências negativas tenham um peso maior. Quando essa última constatação é generalizada para a maioria dos professores, encontramos descrições da situação dos docentes com uma carga emocional profunda: estão desvalorizados, oprimidos ou desanimados.

Se em qualquer época histórica as emoções ocuparam um papel relevante no mundo do ensino, nos tempos atuais sua importância é ainda maior. As mudanças na sociedade e na família, as crescentes exigências sociais, a incorporação à escola de novos grupos de alunos que permanecerão nela durante mais tempo, o tipo de relações sociais estabelecidas entre os diferentes membros da comunidade educativa, a ampliação dos objetivos do ensino e as novas competências exigidas aos professores contribuem para que seja fácil compreender as dificuldades de ensinar e as tensões emocionais envolvidas nessa tarefa. O texto de Hargreaves³ resume acertadamente a situação paradoxal em que se encontram os professores:

“O ensino é uma profissão paradoxal. De todos os trabalhos que são ou aspiram a ser profissões, só do ensino se espera que crie as habilidades hu-

³ Hargreaves, A. (2003), *Teaching in the knowledge society*. Maidenhead: Open University Press.

▶ *manas e as capacidades que permitirão aos indivíduos e às organizações sobreviver e ter êxito na sociedade do conhecimento de hoje. Dos professores, mais do que de qualquer outro profissional, espera-se que construam comunidades de aprendizagem, criem a sociedade do conhecimento e desenvolvam as capacidades para a inovação, a flexibilidade e o compromisso com a mudança que são essenciais para a prosperidade econômica. Ao mesmo tempo, espera-se que os professores mitiguem e equilibrem muitos dos imensos problemas que a sociedade do conhecimento cria, tais como o consumismo excessivo, a perda da comunidade e o incremento da distância entre ricos e pobres. De alguma forma, os professores devem tentar alcançar essas metas aparentemente contraditórias de forma simultânea. Esse é seu paradoxo profissional”.*

Mas não são só as conseqüências da sociedade multicultural e da informação que provocam as tensões emocionais dos professores. Também a violência da sociedade, a marginalização de determinados grupos, as desigualdades sociais e a falta de recursos familiares e pessoais contribuem para que as relações no seio da escola sejam potencialmente mais conflituosas. As dificuldades para assegurar uma boa convivência nas escolas e a existência de maus-tratos entre pares e entre alunos e professores expressam essa situação que se complica de forma alarmante quando o funcionamento da escola está deteriorado. Então, com mais força ainda, a pressão emocional vivida pelos professores pode se tornar intolerável e arrasar qualquer raciocínio que advogue a compreensão, o diálogo e a negociação das soluções.

Além disso, e como conseqüência desses problemas, embora não sejam poucos que consideram isso sua causa, os sistemas educativos vivem em permanente estado de reforma. Formulam-se propostas contínuas sobre novas etapas, novos currículos, novos métodos de ensino, novas formas de avaliação, novos sistemas de colaboração ou novas competências profissionais, o que obriga os professores a reagir a elas e a adaptar sua forma de trabalho. Esse processo não se situa exclusivamente no plano racional, mas é vivido com intensidade também na esfera emocional. A angústia, a insegurança, a esperança, a ilusão, o compromisso,

a apatia, a perplexidade são reações emocionais presentes na resposta dos professores diante das mudanças que os reformadores da educação apresentam.

1.3. Uma profissão moral

A ação educadora não é simplesmente uma atividade técnica, que pode ser repetida várias vezes sem reflexão, nem uma ação desprovida de comunicação e contato social. Exige, pelo contrário, uma estreita relação de confiança entre o professor e os alunos, que não pode ser desenvolvida de maneira satisfatória sem a consciência por parte dos docentes dos objetivos que se pretendem alcançar. Não podemos esquecer que o ensino supõe uma interação positiva entre um professor e um grupo de alunos que não é nem voluntária nem livremente escolhida, como poderia ser a estabelecida entre um grupo de amigos. O mérito da atividade docente é que essa relação imposta, expressão das obrigações dos professores e dos alunos, se transforme numa relação construtiva, que tenha a competência, a confiança, o afeto e o respeito mútuo como elementos constitutivos. Mas, além disso, essa relação é mantida com os mesmos alunos somente durante certo tempo de modo que os professores devem ser capazes de renovar ano após ano sua dedicação e seu envolvimento pessoal com novos grupos de alunos. Uma relação que não deve ter preferências em relação a alguns em contraposição a outros, mas que deve se estender a todos os alunos que fazem parte desse grupo, aos espertos e aos menos espertos, aos tranquilos e aos menos tranquilos, aos interessados e aos desinteressados. Aos que colaboram e manifestam apreço e àqueles que são distantes.

Manter semelhante atitude ao longo dos anos é uma tarefa complicada, com um grande desgaste pessoal pela implicação vital que exige, pelas características das relações que estabelece e pelas funções que desenvolve. É preciso levar em conta, além disso, a percepção dos professores de que ano após ano, enquanto eles avançam na vida, seus alu-

nos retornam em cada turma à idade inicial. Mas os alunos não são só mais jovens do que eles a cada ano, são também diferentes. Não é uma diferença perceptível de uma turma para a outra, mas se manifesta de década em década, quando o professor se sente afastado das inquietações, da linguagem, das diversões e da forma de vida das novas gerações e inclusive da forma de vida de suas famílias. As dinâmicas vitais dos professores e de seus alunos transcorrem por caminhos divergentes: enquanto os primeiros acumulam experiência, maturidade, reflexão e certo cansaço, os segundos refletem as características da sociedade emergente da qual o professor em muitos aspectos já não se sente participante.

Apesar das tensões do magistério e do desgaste emocional que ele envolve, há muitos professores que mantêm o ânimo e a dedicação contínua. Possivelmente não se encontram no ensino gratificações de todo tipo, mas sim a intuição, às vezes refletida e consciente, de que ensinar os outros é uma tarefa que vale a pena, que nos conecta com o mais nobre do ser humano e nos situa, situa os professores, no lugar adequado para promover o bem-estar das novas gerações. De alguma maneira, essa intuição revela o caráter moral do magistério e a necessidade de descobrir seu valor e seu sentido para exercê-lo com rigor e vivê-lo com satisfação.

A consideração do trabalho docente como uma profissão moral adquire nessa perspectiva toda a sua força motivadora e permite compreender como o esquecimento ou a falta de cuidado dessa dimensão conduz à “desmoralização” dos docentes. Dessa afirmação não se deve extrair, no entanto, a conclusão de que o componente moral do magistério exige somente que os professores se apropriem e mantenham ao longo de sua vida um conjunto de normas e valores que os orientem em sua atividade e sirvam de referência. Sem dúvida, o raciocínio e o julgamento moral são um componente fundamental do comportamento ético, mas não são o único. Também a sensibilidade, a empatia e o afeto ocupam um lugar necessário cujo esquecimento ou marginalização priva a relação educadora de uma de suas dinâmicas principais. A moralidade tem suas raízes na ex-

periência afetiva das pessoas, de modo que não é possível separar radicalmente a dimensão cognitiva da dimensão emocional na atividade moral e, portanto, na atividade educadora. Se a profissão docente é uma profissão moral, é preciso manter nela de forma equilibrada os princípios racionais que sustentam o comportamento ético e os sentimentos e emoções que lhes outorgam a sensibilidade necessária para compreender os outros em seu contexto específico.

Nesta abordagem, os sentimentos e os afetos não devem ser valorizados como uma fonte de erro, que a inteligência deve confrontar para evitar a irracionalidade nos julgamentos e a falta de foco nas decisões, mas como um componente necessário, que deve ser educado e levado em conta (Damasio, 1994)⁴. A dedicação apaixonada à atividade docente amplia as experiências emocionais positivas dos professores. Esse tipo de dedicação costuma ter suas raízes no substrato moral que configura o magistério. Emoção e compromisso, vida afetiva e atitude ética estão, portanto, profundamente relacionados. Os valores assumidos e vividos geram emoções positivas e ajudam poderosamente a enfrentar a adversidade e os conflitos; por sua vez, a emoção orientada para uma meta, a paixão intencional, mantém e reforça o compromisso e a ação. Razão, emoção e compromisso ético caminham juntos e é preciso ser capaz de aproveitar suas dinâmicas convergentes.

1.4. As mudanças ao longo da vida profissional

A maior parte das pesquisas sobre o professorado se refere a ele como um coletivo bastante coeso e com atitudes e traços similares: “os professores estão cansados e desanimados” ou “os docentes se sentem maltratados pela opinião pública” são afirmações que descrevem o estado anímico de um coletivo profissional como se constituísse um grupo homogêneo. É possível que a maioria dos professores tenha atitudes

⁴ Damasio, A. (1994). *Descartes' error. Emotion, reason and the human brain*. Nova York: A Grassel/Putman Book.

similares diante de determinados temas, mas também é previsível que diferenças entre eles se manifestem em função de certas variáveis: a etapa da formação em que trabalham, o sexo e os anos de magistério. Entre todas elas, talvez essa última dimensão tenha sido tradicionalmente a mais esquecida, quem sabe pelas dificuldades de levá-la em conta ou por sua relação com outras mudanças produzidas no ciclo vital das pessoas ou também porque determinadas reações e valorizações dos professores se encontram em todas as idades.

Vale assinalar, no entanto, que a idade não é o fator principal das mudanças ou dos momentos de crise vividos pelos professores. Pelo contrário, em muitos casos, é possível que sejam as transformações na educação (algum tipo de reforma educacional, a mudança de escola, uma equipe nova na direção, a presença de alunos diferentes dos habituais, a necessidade de dar uma matéria diferente, novas exigências, uma experiência inovadora ou um conflito irresolúvel com os alunos) que desencadeiam as etapas críticas e a orientação de seu desenlace. Possivelmente também esses processos não sejam independentes: as experiências acumuladas pelo professor ao longo dos anos e sua atitude profissional permitem explicar sua reação diante dos novos acontecimentos na educação.

As investigações sobre o desenvolvimento profissional dos docentes apontaram que a vida profissional dos professores atravessa habitualmente determinadas fases (Huberman, 1992)⁵. A partir de pesquisas empíricas e de entrevistas com professores do Ensino Fundamental e Médio, formularam-se algumas seqüências que tentam dar conta das mudanças que se produzem ao longo do ciclo de trabalho em suas trajetórias profissionais. A maioria das pesquisas assinalou seis grandes períodos: formação inicial, estabilização, novas preocupações, afastamento ou responsabilidade e declínio profissional quando se aproxima a idade da aposentadoria.

Essas investigações colocam em relevo que os professores devem se confrontar com situações muito diversas ao lon-

⁵ Huberman, M. (1992). *Teacher Development and Instructional Mastery*. In: M. Hargreaves & M. Fullan (ed). *Understanding Teacher Development*, Nova York: Teachers College Press.

go de sua vida profissional devido às mudanças na educação e no estilo de vida das novas gerações de alunos. Pouco a pouco e ano após ano, o professor vai acumulando informação e experiência, mas percebe também a dificuldade de se adaptar diante das novas exigências educacionais. Esse longo processo, que transcorre paralelamente às suas experiências vitais fora do âmbito do magistério e se entrecruza com elas, conduz, em seus pólos opostos, a uma atitude dinâmica baseada em expectativas positivas sobre as possibilidades de sua atividade educadora ou a uma posição desesperançada, cuja origem se encontra na percepção de que o esforço no ensino não vale a pena. Entre ambas, há inúmeras alternativas que podem se modificar ao longo do tempo, seja por transformações no entorno profissional, seja por mudanças na própria disposição do docente ou, na maioria dos casos em que isso se produz, pela interação entre a atitude do professor e o contexto em que desempenha seu trabalho.

A análise das emoções e dos valores dos professores exige levar em conta sua história pessoal e profissional, suas crenças e atitudes, suas condições de trabalho e o contexto social e educacional nos quais se desenvolve sua atividade profissional. A pesquisa apresentada a seguir é uma aproximação inicial aos temas nevrálgicos do magistério.

A large, bold, black number '2' is positioned on the right side of the page, partially overlapping the text. It has a classic, slightly stylized font with a thick stroke and a small hook at the top and bottom.

OS OBJETIVOS DA PESQUISA

2.1. Dimensões e indicadores

As reflexões apresentadas anteriormente permitiram delimitar cinco dimensões gerais sobre o que é interessante explorar. Por sua vez, em cada uma delas, se estabeleceram indicadores que especificam os aspectos mais concretos abordados em cada dimensão (ver Quadro 1).

Quadro 1

Dimensões e indicadores	
Avaliação do magistério	<ul style="list-style-type: none">Opiniões sobre os requisitos para ser docenteValorização social da profissãoAvaliação das condições de trabalhoDefinições do ensino
Situação da educação	<ul style="list-style-type: none">Opiniões sobre a educação na atualidadePolítica e educação
Sentimentos e afetos em torno da profissão	<ul style="list-style-type: none">Satisfação profissionalAs relações com os professoresAs relações com os alunosAs relações com as famíliasAutoconceito e auto-estima
Expectativas e valores	<ul style="list-style-type: none">Expectativas sobre os alunos e a sociedadePrincipais virtudes e valores
Formação do professorado	<ul style="list-style-type: none">Formação inicial e permanente

2.2. Metodologia e características da amostra

A pesquisa foi realizada mediante a aplicação de um questionário fechado dirigido aos docentes, cujo número de itens foi 74. As respostas foram recolhidas em folhas de leitura ótica e os questionários foram preenchidos de forma anônima.

Foram enviados cerca de 7.200 questionários, dos quais retornaram 3.584. No total, participaram da pesquisa 89 escolas diferentes pertencentes a sete estados do Brasil. A maioria dos docentes trabalha no Ensino Fundamental:

Ceará: Fortaleza

Minas Gerais: Barão de Cocais; Rio Piracicaba; Belo Horizonte; São Gonçalo do Rio Abaixo

Pará: Barcarena; Curionópolis; Paragominas; Canaã dos Carajás

Paraíba: João Pessoa

Paraná: Curitiba

Rio Janeiro: Rio de Janeiro

São Paulo: São Paulo; Mogi Mirim; São Bernardo do Campo; São José do Rio Preto; Birigui; Taubaté; Votorantim; Sorocaba; São Vicente; São José dos Campos; São Carlos; Santo André; Ribeirão Preto; Registro; Pirassununga; Osasco; José Bonifácio; Jales; Fernandópolis.

A distribuição ocorreu da seguinte forma:

Respostas	Retorno
rede particular	50%
rede pública	44%
total	47%

Uma vez definidos os municípios, telefonou-se para as escolas ou para as secretarias municipais de educação para apresentar a intenção da pesquisa. Após a aceitação do convite de modo informal, foi enviada a cada um deles uma carta na qual se explicava em que consistiria sua colaboração e foram enviados os questionários a serem preenchidos.

Recolhidos os questionários, foram analisados estatisticamente os dados e finalmente se redigiu o relatório. Todos os participantes terão acesso aos resultados do trabalho.

As porcentagens em que foi dividido o professorado em função das variáveis levadas em conta na redação do relatório são as que estão refletidas no Quadro 2.

Ao longo do relatório, serão introduzidas algumas comparações com os resultados obtidos numa pesquisa similar à apresentada aqui, que foi realizada na Espanha no ano de 2006 da qual participaram um total de 1.791 professores.

Quadro 2

Distribuição da amostra (Total de 3.584)		
Anos dedicados ao magistério	Menos de 3 anos	15,2%
	Entre 3 e 10	30,1%
	Entre 11 e 20	34,0%
	Entre 21 e 30	16,5%
	Mais de 30 anos	4,2%
Tipo de escola	Pública	54,3%
	Particular	45,7%



AS OPINIÕES
DOS DOCENTES

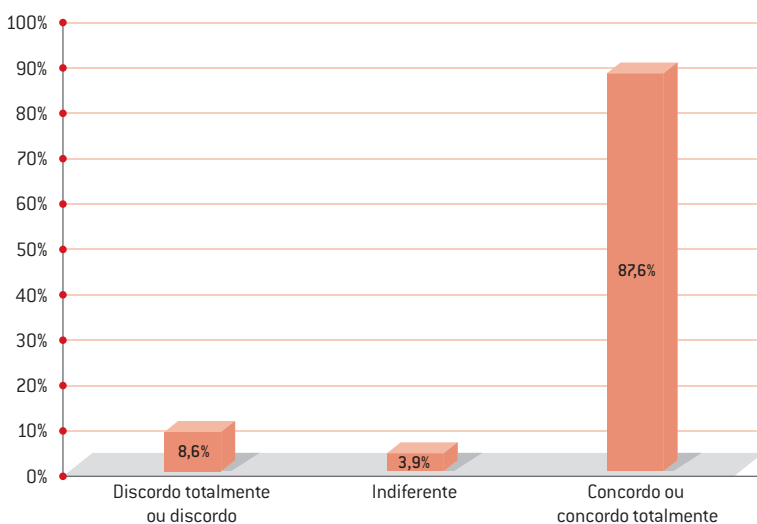
3.1. Avaliação do magistério

Um primeiro aspecto considerado relevante ao analisar como os professores avaliam o magistério é, por um lado, saber se consideram o ensino como uma profissão vocacional e, por outro, analisar os motivos pessoais que os levaram a escolher essa profissão.

Os dados põem em evidência que a maioria dos entrevistados afirma que é necessário ter vocação para se dedicar ao ensino (87,6%), entendendo com isso a necessidade de compromisso, a dedicação e a preocupação com o aluno (ver Gráfico 1).

Gráfico 1

Para ser docente é preciso ter vocação [% de resposta total]

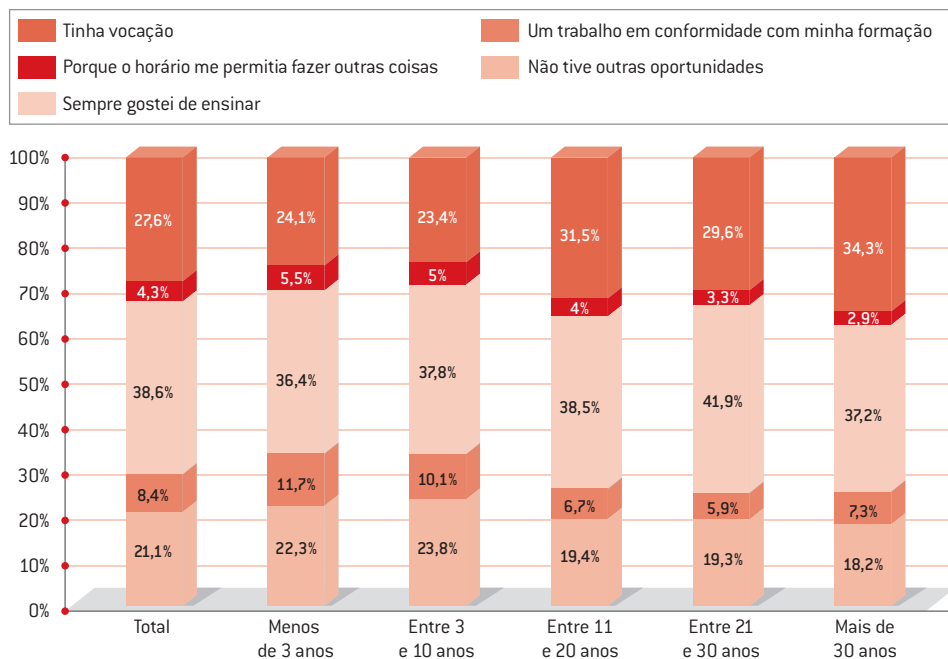


Em relação às razões pessoais pelas quais decidiram ser docentes, os dados estão de acordo com as respostas para a pergunta anterior: a maioria das alternativas escolhidas faz referência ao gosto pelo ensino (38,6%) e a razões vocacionais (27,6%) (ver Gráfico 2).

Em relação ao tempo de dedicação ao ensino, observa-se que os mais antigos aludem em maior medida a razões vocacionais, enquanto os mais jovens se referem mais a não ter tido outras oportunidades e a tê-lo escolhido por ser um trabalho em conformidade com sua formação (ver Gráfico 2).

Gráfico 2

Motivo pelo qual optou por ser professor (% total e por antiguidade docente)



Também se quis analisar que sentimentos e avaliações os docentes possuem na atualidade em relação a seu trabalho, mediante três perguntas que aludem ao grau de satisfação com suas condições de trabalho, com sua própria profissão, assim como uma comparação com a vivência no início de sua carreira profissional.

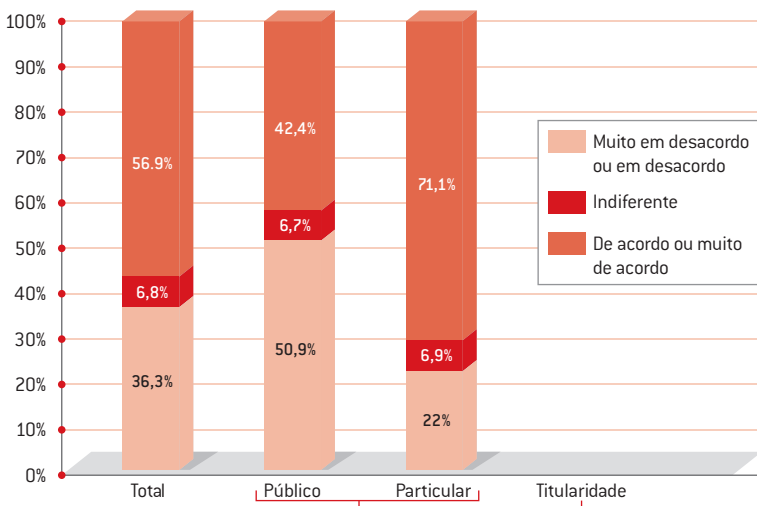
Diante da primeira afirmação, “*estou satisfeito com minhas condições de trabalho*”, mais da metade dos docentes está de acordo com ela (56,9%), embora existam 36,3% que manifestem estar insatisfeitos (ver Gráfico 3).

Por sua vez, os dados refletem uma ampla diferença em função do tipo de escola, já que na rede particular 71,1% do professorado se manifesta satisfeito com seu trabalho, enquanto no caso do professorado da rede pública essa porcentagem diminui para 42,4% (ver Gráfico 3). Essa mesma tendência, embora um pouco menos marcada, se observa nas escolas espanholas (62,5% do professorado de escolas particulares está satisfeito com as condições de trabalho, em oposição a 50% do professorado de escolas públicas).

Gráfico 3

Estou satisfeito com minhas condições de trabalho

[% de resposta total e por tipo de escola]



Quando se fala de condições de trabalho, é possível distinguir um maior cuidado das escolas particulares em comparação com as escolas públicas, no tocante à manutenção das instalações, à exigência em corresponder às metas estabelecidas, ao contrato de trabalho e ao material oferecido. Em pesquisa recente realizada pela Fundação Getúlio Vargas, concluiu-se que os níveis salariais em ambas as redes são semelhantes.

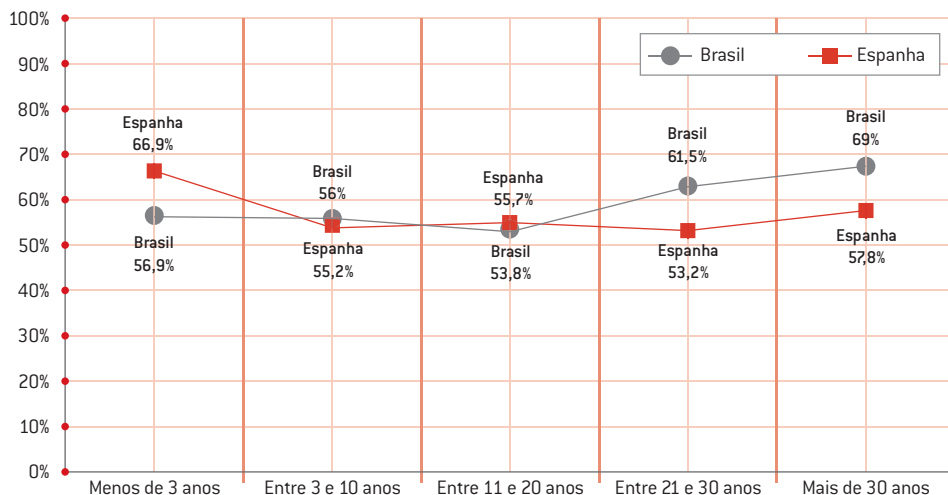
Enquanto 56,9% dos docentes que possuem menos de três anos de experiência estão satisfeitos, essa porcentagem aumenta para 69% entre os docentes com mais de 30 anos de experiência.

Esses dados chamam bastante a atenção, já que seria mais lógico pensar que o grau de satisfação dos mais jovens deveria ser maior do que dos docentes com mais experiência, uma vez que os primeiros acabaram de começar sua trajetória profissional e deveriam ter mais expectativas e objetivos.

Gráfico 4

Porcentagem de professores satisfeitos com suas condições de trabalho

[Comparação entre Brasil e Espanha]



A transformação na percepção dos professores brasileiros em relação às condições de trabalho coincide com o ingresso na carreira profissional na década de 1990 ou anterior a ela. Essa década foi muito significativa na história da educação brasileira, envolvendo a reformulação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e a criação ou ampliação de iniciativas de âmbito nacional como:

FUNDEF – Fundo do Ensino Fundamental

SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica

Toda Criança na Escola – universalização do acesso ao ensino fundamental

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático - avaliação dos livros didáticos

Diretrizes Curriculares Nacionais

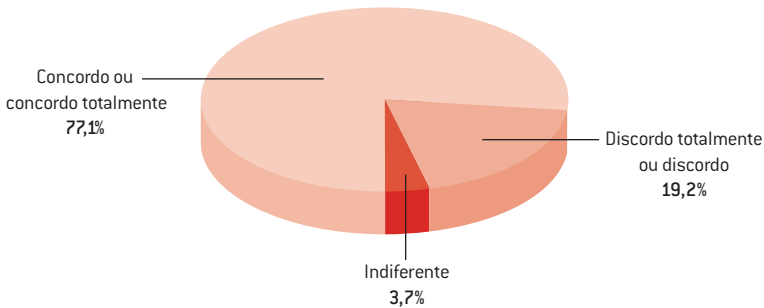
PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

A segunda questão apresentada foi formulada da seguinte forma: “*Estou satisfeito em ser professor*”. Os resultados recolhidos são bastante positivos, já que 77,1% estão de acordo com essa afirmação, embora quase 20% manifestem estar insatisfeitos (19,2%) (ver Gráfico 5).

A terceira questão incorporada pretende saber se existem mudanças na avaliação do magistério ao longo do tempo, comparando o grau de satisfação inicial com o atual.

Gráfico 5

**Grau de concordância com a afirmação:
“Estou satisfeito de ser professor”.**

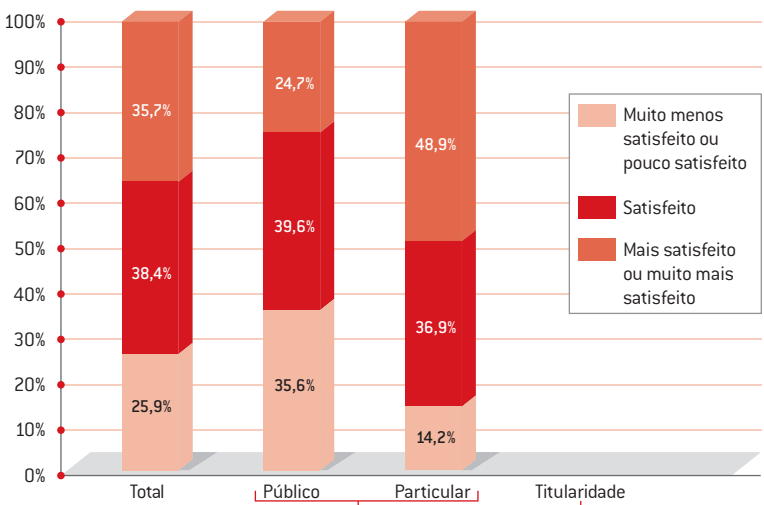


As respostas estão bastante divididas: 35,7% indicam estar mais satisfeitos atualmente, 25,9% respondem que estão menos satisfeitos e 38,4% acham que estão da mesma forma de quando começaram a trabalhar no ensino (ver Gráfico 6).

Essa tendência de resposta apresenta diferenças em função do tipo de escola em que os professores trabalham, sendo que quase metade dos de escolas particulares (48,9%) estão mais satisfeitos atualmente do que quando começaram a carreira, enquanto só um quarto (24,7%) dos que trabalham em escolas públicas compartilha essa opinião (ver Gráfico 6).

Gráfico 6

**Indique seu grau de satisfação atual em relação
ao início do trabalho docente (% total e por tipo de escola)**



Observando o gráfico anterior, é possível concluir que a porcentagem de professores satisfeitos é superior à de insatisfeitos. As diferenças observadas entre o professorado das escolas públicas e particulares provavelmente se devem às condições em que uns e outros desenvolvem seu trabalho.

Em relação aos anos de trabalho, de novo encontramos uma tendência similar à da pergunta relacionada às condições de trabalho: o nível do professorado brasileiro aumenta progressivamente com a idade. Talvez essa maior satisfação implique que o professorado com mais anos de magistério tenha sido capaz de acumular conhecimentos e experiências e provavelmente conseguiu melhorar sua situação no ensino ao longo dos anos (ver Quadro 3).

Quadro 3

Grau de satisfação atual com relação ao início do magistério
[% segundo anos de magistério]

	Anos dedicados ao magistério				
	Menos de 3	3-10	11-20	21-30	Mais de 30
Muito ou um pouco menos satisfeito	32,5	27,3	21,8	25,8	22,2
Satisfação igual	37,9	38,9	39,1	38,7	31,3
Um pouco ou muito mais satisfeito	29,6	33,8	39,2	35,5	46,5

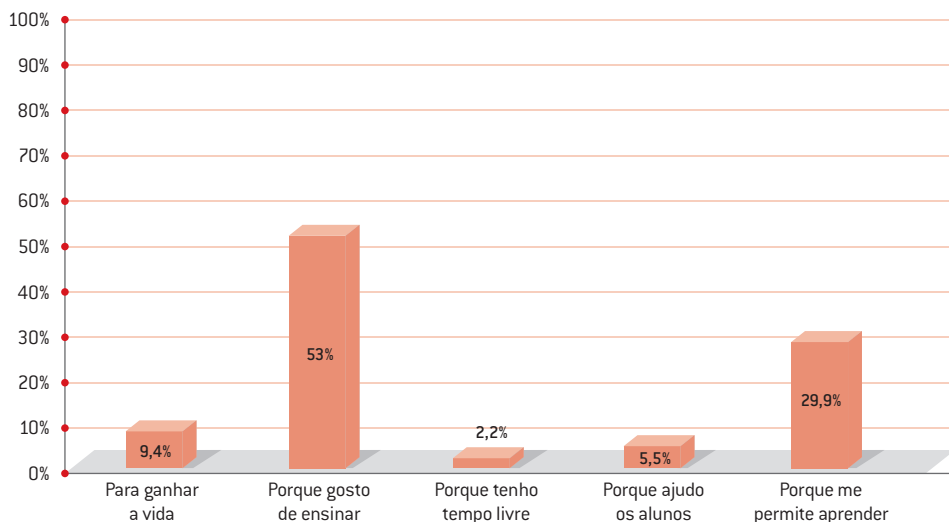
Continuando com a linha de análise estabelecida e com relação à pergunta anteriormente apresentada, foram incluídas duas novas perguntas para conhecer o grau de compromisso que os docentes manifestam ter com sua profissão:

- “Por que você hoje é professor?”
- “Se conseguisse outro trabalho, deixaria de ser professor?”

Em relação à primeira pergunta, das cinco alternativas oferecidas, a mais escolhida pelos docentes brasileiros é a de que continuam na profissão porque gostam do ensino (53%). No entanto, um terço do professorado (29,9%) considera que continua nessa profissão porque ela lhe permite aprender (ver Gráfico 7).

Gráfico 7

Por que você hoje é professor? (% de resposta total)



Em relação aos anos de dedicação ao magistério, a tendência entre os docentes brasileiros é de que, à medida que a idade aumenta, aumenta também o gosto pelo ensino e se reduz o interesse por aprender (ver Quadro 4).

Quadro 4

Por que hoje você é professor? (% segundo anos de magistério)

	Anos dedicados ao magistério				
	Menos de 3	3-10	11-20	21-30	Mais de 30
Para ganhar a vida	11,1	10	8,5	8,1	8,2
Porque gosto de ensinar	44,5	51,3	55,9	58,3	54,5
Porque tenho tempo livre	4	2,4	1,2	2,2	2,2
Porque ajudo os alunos	7	6,2	4,7	3,9	6
Porque me permite aprender	33,4	30	29,7	27,5	29,1

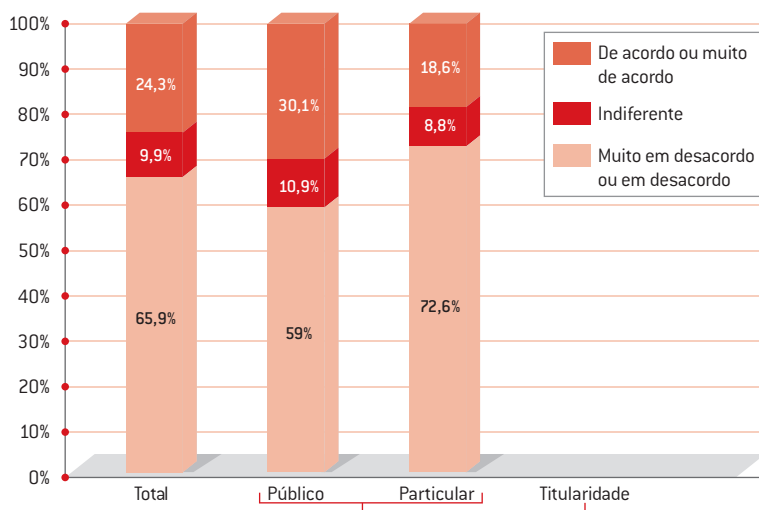
A segunda pergunta, muito relacionada com a anterior, refere-se ao grau de compromisso que os professores têm com sua profissão, avaliado por meio da seguinte questão: “Se conseguisse outro trabalho, deixaria de ser professor?”.

Os dados mostram que uma porcentagem alta de docentes (65,9%) não deixaria o ensino mesmo que pudesse. Não obstante, existem 24,3% que acham o contrário (ver Gráfico 8).

Por outro lado, são os professores do ensino particular os que manifestam um compromisso maior (72,6%) em comparação com os das escolas públicas (59%) (ver Gráfico 8). Ao que parece, esses últimos não estão tão certos de que se dedicarão a vida toda ao magistério nem excluem a possibilidade de escolher outro trabalho se o acharem interessante.

Gráfico 8

Se conseguisse outro trabalho que atendesse a suas necessidades, deixaria de ser professor? (% total e por tipo de escola)



Com o objetivo de analisar a atividade docente num contexto mais amplo, foram incorporadas as seguintes questões sobre como os professores percebem a avaliação externa que se faz do ensino.

As três primeiras questões aludem à valorização social do ensino e ao apoio recebido pela coordenação. As respostas são apresentadas a seguir (ver Gráfico 9):

- 79,5% dos professores consideram que a sociedade não valoriza os professores, em oposição a 9,5% que opinam o contrário (ver Gráfico 9).

- Uma tendência similar de resposta se encontra ao questionar a valorização por parte dos órgãos responsáveis pela educação: 76,7% dos docentes afirmam não se sentirem valorizados e só 11% afirmam se encontrar apoiados pela instituição.
- Um pouco mais da metade dos docentes (51%) também não se sente valorizada pelos pais dos alunos, embora quase um quarto (23,5%) acredite ser valorizado por esse grupo.

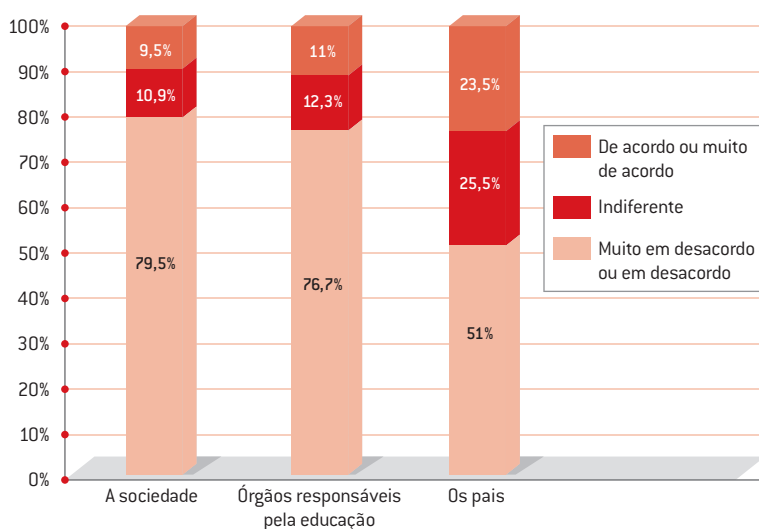
Gráfico 9

Grau de concordância com as seguintes afirmações [% total]

“A sociedade valoriza os professores”

“Os órgãos responsáveis pela educação valorizam os professores”

“Os pais valorizam os professores”



Na comparação das respostas dos professores mais velhos com as dos mais jovens, só se encontram diferenças no sentimento de serem valorizados pelos órgãos responsáveis pela educação. Assim como entre os professores espanhóis, os docentes com mais anos de experiência se sentem menos valorizados. Só 7% do professorado com mais de 20 anos de antiguidade considera que é valorizado por essas instituições. A porcentagem aumenta para 15,1% entre os que têm menos de três anos de trajetória profissional.

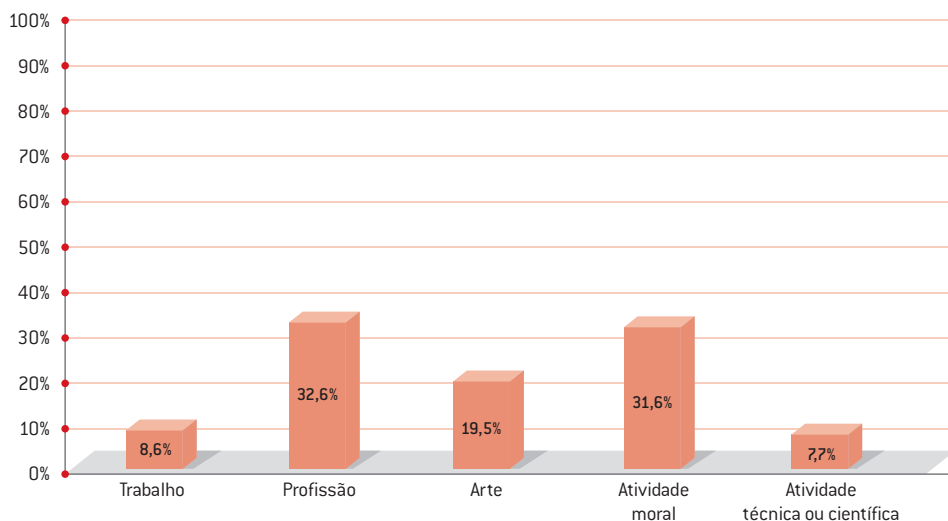
Uma vez analisado como os professores sentem que são percebidos externamente pela sociedade, pelos órgãos responsáveis pela educação e pelos pais dos alunos, considerou-se interessante saber como eles próprios avaliam o magistério, por meio das seguintes perguntas: “Como você o denominaria?” e “Com que termos o associaria?”.

Na hora de definir o ensino, observamos que mais de 60% dos docentes brasileiros se dividem entre duas opções. Em primeiro lugar, 32,6% dos docentes a definem como “profissão”. A segunda opção selecionada (31,6%) é considerar o ensino como “atividade ligada aos valores e à moral”. Em terceiro lugar, escolhida por 19,5% do professorado, ficou a opção de considerar o ensino como uma “arte” (ver Gráfico 10).

Chama a atenção que, diante de 32,6% que a qualificam como “profissão”, só 8,6% a consideram como “trabalho”. Se entendemos o termo “profissão” como “o que somos”, enquanto o termo “trabalho” como “o que fazemos”, esses dados estariam mostrando que no ensino existe um forte componente afetivo associado a seu desempenho.

Gráfico 10

O que o ensino representa para você? (% de resposta total)

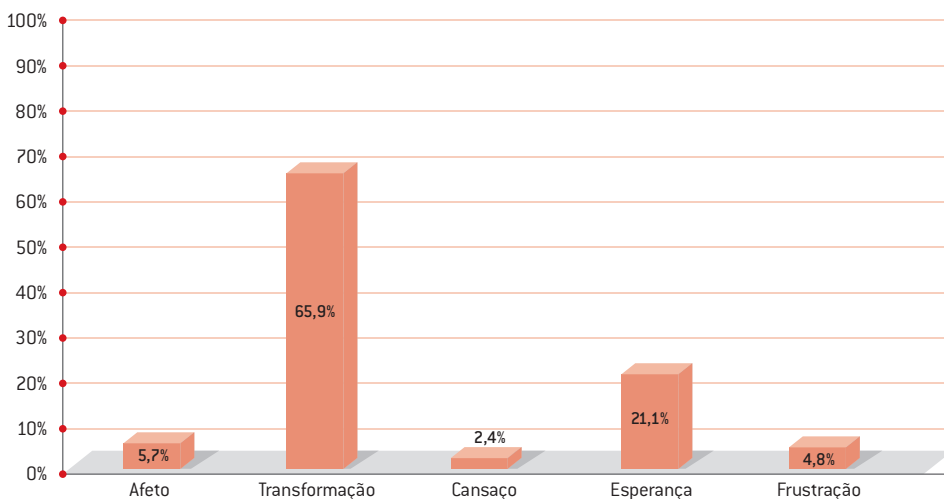


Por último, ao pedir aos professores que indicassem o termo que mais associam com seu trabalho, os dados mostram que para uma alta porcentagem de docentes (65,9%)

o ensino significa “transformação”; a segunda opção mais assinalada, embora com muita distância da primeira (21,1%), é “esperança”. O resto das opções foi assinalada por um número baixo de professores: “afeto” (5,7%), “frustração” (4,8%) e “cansaço” (2,4%) (ver Gráfico 11).

Gráfico 11

Que termo mais se relaciona com o ensino? [% de resposta total]



Em resumo

- ✓ 87,6% dos professores afirmam que é necessário ter vocação para se dedicar ao ensino.
- ✓ As principais razões pelas quais decidiram ser docentes foram o gosto pelo ensino e a vocação. Embora em todas as faixas etárias essas duas razões se mantenham como prioritárias, elas são mais freqüentes entre os docentes com mais antiguidade, enquanto entre os mais jovens ganha relevância a razão de não ter outras opções de trabalho.
- ✓ 56,9% dos professores opinam que estão satisfeitos com suas condições de trabalho, mas existem diferenças muito importantes entre os que exercem o magistério em escolas públicas e particulares, estando os últimos muito mais satisfeitos do que o professorado das escolas públicas. Além disso, o professorado mais jovem é o que se encontra mais insatisfeito com suas condições de trabalho.
- ✓ Quase metade dos professores das escolas particulares está mais satisfeita agora do que no início do magistério, enquanto só um quarto dos que trabalham em escolas públicas opina o mesmo. Ao contrário dos docentes espanhóis, o professorado brasileiro fica mais satisfeito à medida que a idade aumenta.

- ✓ 53% dos docentes afirmam que continuam no magistério porque gostam de ensinar e 65,9% não deixariam o ensino mesmo se pudessem. Os professores das escolas particulares são os que manifestam mais compromisso em comparação com os das escolas públicas. Quase 80% do professorado considera que não é valorizado pela sociedade nem pelos órgãos responsáveis pela educação; 51% também não se sentem valorizados pelos pais dos alunos.
- ✓ Um terço dos docentes considera o ensino como uma profissão e uma porcentagem similar como uma atividade moral; para a maioria, a educação se associa aos termos “transformação” e “esperança”.

3.2. Relações entre professores

A maior parte das investigações centradas no professorado se refere a ele como um coletivo bastante coeso e com atitudes e traços similares. No entanto, quando se analisa sua atividade docente, aparece generalizada a idéia de que existe um eminente individualismo no trabalho que cada professor faz dentro da sala de aula e com seus alunos.

O gosto pelo trabalho em equipe, a necessidade ou não do mesmo, assim como outros aspectos relativos às relações entre os professores foram analisados por meio das perguntas a seguir.

Em primeiro lugar, perguntou-se a respeito da qualidade das relações existentes entre os professores: 84,3% dos professores consideram o clima da escola positivo ou muito positivo, uma porcentagem um pouco superior à dos docentes espanhóis (77,3%). Só 5,9% do professorado brasileiro manifesta que as relações com seus colegas são negativas ou muito negativas (ver Gráfico 12).

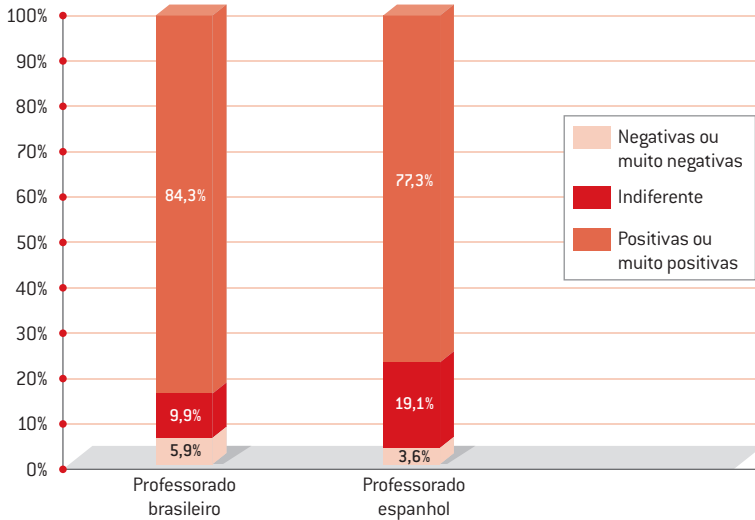
Nesse aspecto, não há diferenças significativas em função da antiguidade do docente nem da escola ser pública ou privada.

As perguntas seguintes pedem a opinião pessoal do professor em relação ao trabalho em equipe, ao mesmo tempo que indagam sobre sua forma habitual de organizar a atividade docente.

Gráfico 12

Como você avalia as relações entre os professores de sua escola?

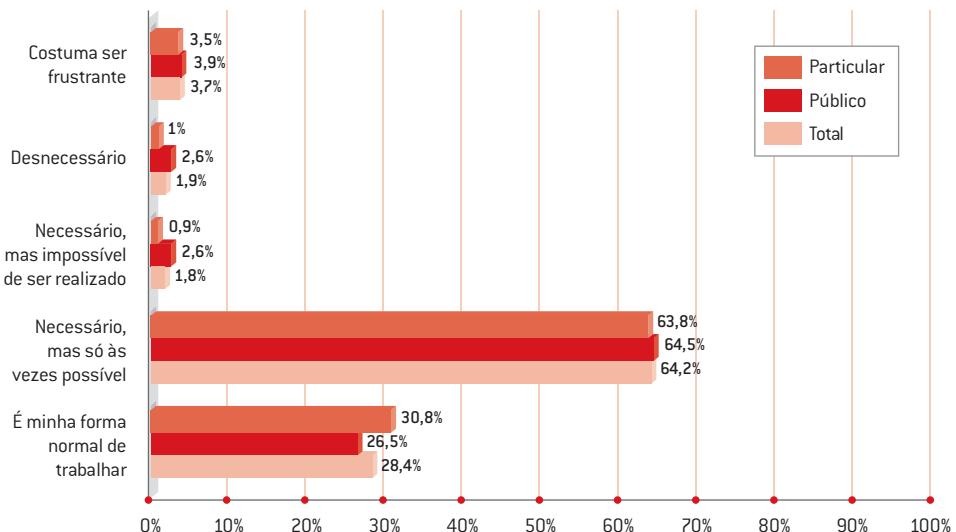
(% de resposta total. Comparação Brasil e Espanha)



Mais da metade dos entrevistados (64,2%) considera que trabalhar em equipe é necessário, embora nem sempre seja possível. Os dados indicam também que essa forma de trabalho é um pouco mais freqüente nas escolas particulares (30,8%) do que nas públicas (26,5%). Os docentes dessas últimas também consideram o trabalho em equipe necessário, mas acham mais difícil levá-lo a diante (ver Gráfico 13).

Gráfico 13

Como você avalia o trabalho em equipe? (% de resposta total e por tipo de escola)



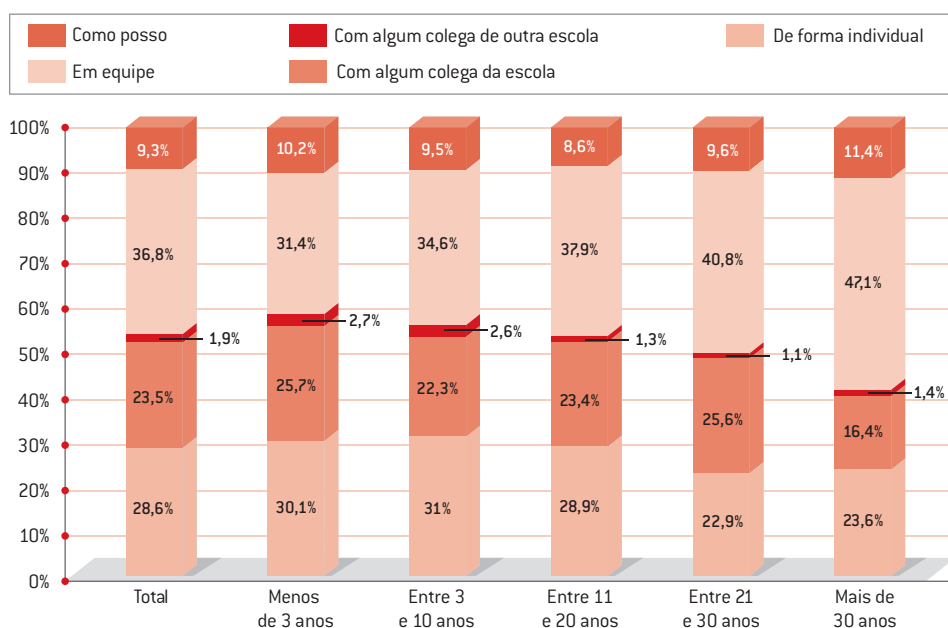
Na seqüência, perguntou-se sobre a forma como habitualmente organizam a atividade docente. Os resultados mostram que um pouco menos de 40% dos professores indicam que trabalham em equipe, enquanto 28,6% trabalham de forma individual e 23,5% com outro colega da escola. Os dados também refletem que as relações com outras escolas são praticamente inexistentes (só 1,9% afirmam que se conectam com docentes de outras escolas para trabalhar) (ver Gráfico 14).

A preferência pelo trabalho em equipe é maior entre os professores com mais antiguidade no magistério (47,1%), enquanto os mais jovens preferem trabalhar de maneira individual (30,1%) ou com algum outro colega da escola (25,7%) (ver Gráfico 14).

Gráfico 14

Como se dá habitualmente a realização do seu trabalho?

[% de resposta total e por antiguidade docente]

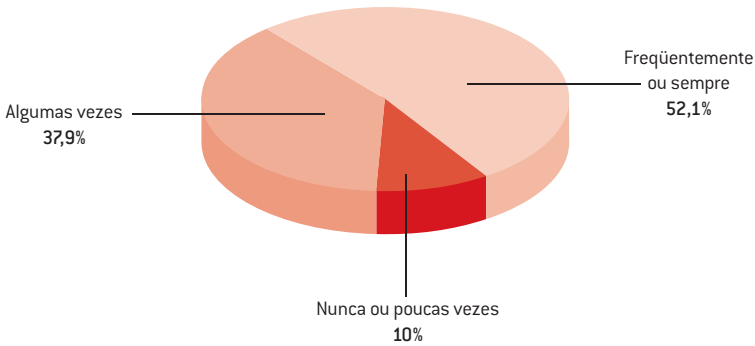


A última pergunta aborda o grau de confiança que os professores têm na hora de compartilhar com colegas da escola os problemas que possam surgir no ensino.

Enquanto 52,1% dos docentes reconhecem que habitualmente comentam suas dificuldades com os outros professores, só 10% manifestam que nunca ou poucas vezes o fazem (ver Gráfico 15).

Gráfico 15

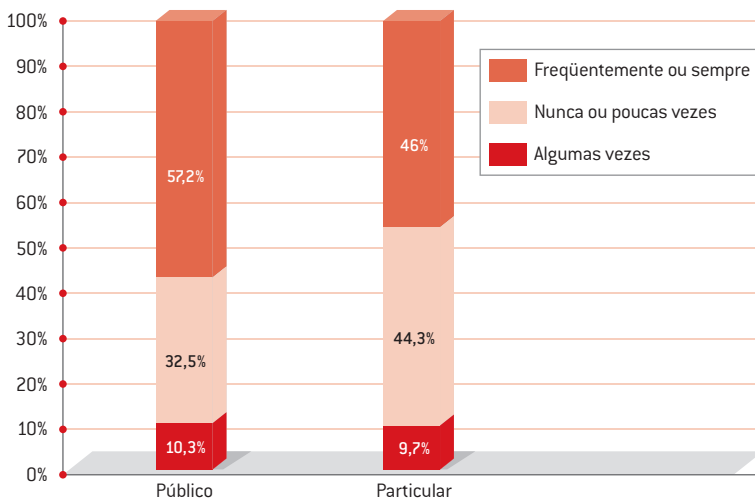
Você normalmente fala com outros professores sobre os problemas que encontra no seu ensino? (% de resposta total)



Se comparamos as respostas pelo tipo de escola, observamos que o professorado da rede particular é um pouco mais individualista do que o da rede pública (ver Gráfico 16).

Gráfico 16

Você normalmente fala com outros professores sobre os problemas que encontra no seu ensino? (% por tipo de escola)



Em resumo

- ✓ Quase 85% dos professores avaliam positivamente as relações que se estabelecem em sua escola.
- ✓ 64,2% dos docentes consideram que o trabalho em equipe é necessário, embora nem sempre seja possível.

- ▶ ✓ Menos de 40% do professorado indica que habitualmente realiza seu trabalho em equipe. A preferência por essa forma de trabalhar é maior entre os professores com mais tempo de magistério.
- ✓ 52,1% dos entrevistados brasileiros manifesta que muito habitualmente compartilham com os outros professores as dificuldades que surgem no ensino.

3.3. A situação da educação

Parece claro que os professores devem enfrentar ao longo de sua vida profissional uma multidão de mudanças e situações, tais como reformas educacionais ou transformações sociais que levam às salas de aulas alunos muito diferentes dos de épocas anteriores, que requerem do professorado habilidades novas e diversas.

Diante dessa realidade social, é interessante saber como os professores vivem as diferentes reformas levadas a cabo ao longo dos anos e analisar o balanço que fazem ao comparar a situação educacional atual com a passada.

A pergunta foi formulada da seguinte forma: “*Você considera que a educação melhorou ou piorou nos últimos anos?*”

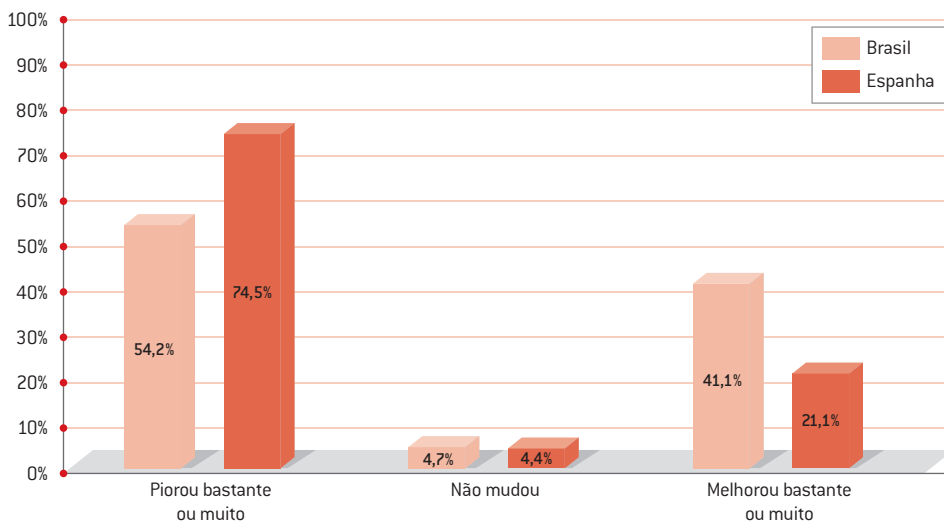
Os resultados refletem uma clara divisão de opiniões quanto à evolução do ensino ao longo do tempo. Enquanto 54,2% dos professores opinam que nos últimos anos a educação piorou um pouco ou muito, 41,1% consideram que melhorou bastante ou muito. Esses dados contrastam com os obtidos pelos docentes espanhóis, já que 74,5% deles manifestam que nesse país a educação piorou e apenas 21,1% consideram que houve uma melhoria (ver Gráfico 17).

Essa expressiva divisão de opiniões pode ser analisada levando-se em consideração o impacto da incorporação de um grande contingente de crianças que estavam fora da escola. Em 1950, havia no Brasil cerca de 50 milhões de habitantes e o equivalente ao atual Ensino Fundamental atendia 36% da população em idade escolar. Em 2000, o atendimento passou para 97%, correspondendo a 33 milhões de alunos em uma população de cerca de 170 milhões de habitantes. Opiniões positivas podem refletir uma percepção de maior inclusão da população, enquanto opiniões negativas podem estar relacionadas a uma percepção das dificuldades enfrentadas pelas instituições para dar conta dessa expansão, com impacto na qualidade do ensino.

Gráfico 17

Você considera que a educação melhorou ou piorou nos últimos anos?

[% de resposta total. Comparação entre Brasil e Espanha]



O bloco de questões a seguir procura conhecer a opinião dos professores na hora de considerar se é preciso separar a educação das opções políticas ou, pelo contrário, o professor deve apontar suas próprias convicções em sala de aula. Para isso, foram incorporadas as perguntas a seguir.

Em primeiro lugar, diante da afirmação: “*Um bom professor deve expressar suas opiniões políticas em sala de aula*”, 63,4% dos entrevistados discordam, isto é, consideram que o professor deve evitar mostrar suas preferências políticas diante dos alunos (ver Gráfico 18). Talvez com isso boa parte dos docentes esteja expressando o desejo de não incorrer no doutrinação político dos estudantes.

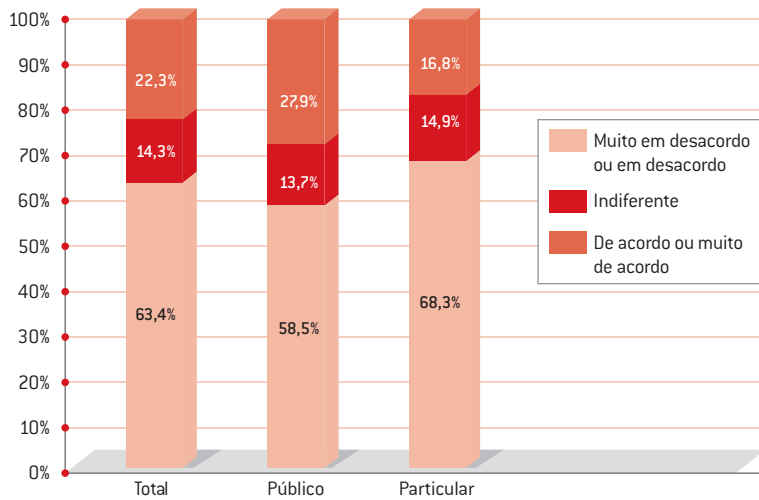
Isso é mais evidente entre os professores das escolas particulares (68,3%) do que entre os das escolas públicas (58,5%).

A pergunta seguinte alude novamente à relação entre política e sua expressão em sala de aula: “*O professor deve evitar defender posições políticas em sala de aula?*”.

Os dados são muito similares aos da questão anterior. Uma alta porcentagem de docentes (66,4%) considera que é melhor não se posicionar diante dos alunos em questões políticas. Não obstante, vemos que 24,1% não estão de acordo com essa neutralidade do professor.

Gráfico 18

Um bom professor deve expressar suas opiniões políticas em sala de aula [% de resposta total e por tipo de escola]



Poderíamos pensar que, embora seja certo que é necessário evitar o doutrinamento dos alunos, o professor não pode eludir sua responsabilidade como formador, também em questões morais. Isso supõe que, diante de determinados assuntos, não pode se comportar como um mero moderador, mas deve mostrar suas próprias convicções.

Nesse aspecto, não há diferenças significativas em função da escola ser pública ou privada nem dos anos de experiência docente.

Em resumo

- ✓ Um pouco mais da metade do professorado considera que a educação piorou nos últimos anos, enquanto um pouco mais de 40% opinam justamente o contrário.
- ✓ Mais de 60% do professorado considera que um bom professor não deve expressar suas opiniões políticas em sala de aula. Isso é mais evidente entre os docentes das escolas particulares do que entre os do ensino público.
- ✓ Cerca de 70% dos entrevistados afirmam que o professor deve evitar defender posições políticas em sala de aula.

3.4. Sentimentos e afetos

Para avaliar o aspecto mais afetivo do magistério, pediu-se aos professores que destacassem o mais gratificante e o menos satisfatório em relação aos seguintes aspectos:

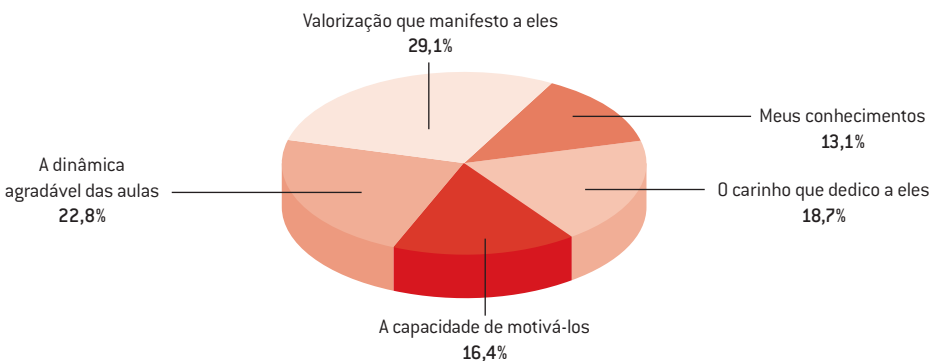
- O trabalho no magistério
- Os alunos
- Os pais dos alunos

Antes de começar a desenvolver esses temas, apresentaram-se duas perguntas gerais sobre como os professores percebem que são valorizados pelos alunos e sobre os sentimentos produzidos pelas relações com seus colegas.

Diante da primeira pergunta, “O que você acha que os alunos mais valorizam em você?”, as respostas foram bastante divididas. Em geral, os professores consideram que os alunos dão mais importância a determinados aspectos sociais do que científicos. Concretamente, opinam que o que os estudantes mais valorizam deles é a “valorização que manifesto a eles” (29,1%), em seguida “a dinâmica agradável das aulas” (22,8%), o “afeto que manifesto” (18,7%), a “capacidade de motivá-los” (16,4%) e, em último lugar, “meus conhecimentos” (13,1%) (ver Gráfico 19).

Gráfico 19

O que os alunos mais valorizam em você? [% de resposta total]



A segunda pergunta se refere à satisfação manifestada pelos professores ao se relacionar com seus colegas. Cabe destacar que 89,9% indicam estar satisfeitos ou muito satisfeitos, enquanto só 7,3% se mostram descontentes (ver Quadro 5).

Nesse aspecto, encontram-se diferenças significativas em função dos anos de experiência docente. Os dados obtidos refletem que o professorado mais jovem está mais insatisfeito com as relações que mantém com seus colegas do que os docentes com mais tempo de magistério (ver Quadro 5).

Quadro 5

As relações com seus colegas produzem em você... (% total e por anos de magistério)

	Anos dedicados ao magistério					Total
	Menos de 3	3-10	11-20	21-30	Mais de 30	
Insatisfação ou pouca satisfação	11,2	8,6	5,5	5	4,9	7,3
Indiferença	4,8	3,3	1,9	1,8	1,4	2,8
Satisfação ou muita satisfação	84,0	88,1	92,6	93,2	93,7	89,9

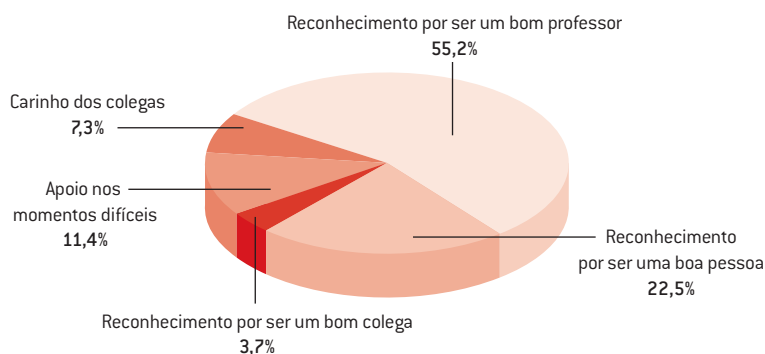
Uma vez analisadas essas questões, foram feitas as duas primeiras perguntas em relação ao trabalho. Trata-se de saber que aspectos do ensino produzem mais satisfação nos professores e outros descontentamento.

Para isso, apresentou-se uma série de alternativas entre as quais deviam escolher a que estivesse mais de acordo com seus sentimentos.

Os dados mostram que o que dá mais satisfação aos docentes é serem reconhecidos como “*bom professor*” (55,2%) e como uma “*pessoa íntegra*” (22,5%). As menos importantes aludem ao “*afeto*” dos colegas (7,3%) e ao “*reconhecimento como bom colega*” (3,7%) (ver Gráfico 20).

Gráfico 20

Que sentimentos lhe dão mais satisfação em seu trabalho? (% total)

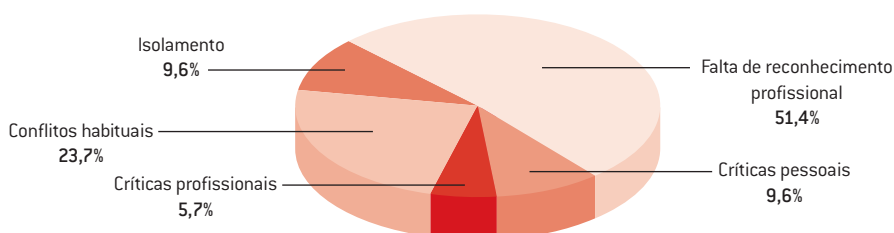


Se relacionamos esses dados com a pergunta anterior, vemos que embora os professores afirmem estar contentes com as relações com seus colegas, esse não é o aspecto que mais valorizam em seu trabalho.

O outro pólo de análise do trabalho docente é o relativo aos sentimentos mais insatisfatórios da profissão. Nesse caso, mais da metade dos docentes indica que o pior é a “*falta de reconhecimento profissional*” (51,4%) (ver Gráfico 21). Esses dados concordam com o visto anteriormente em relação à importância de ser valorizado como docente.

Gráfico 21

Que situações lhe provocam sentimentos mais insatisfatórios em seu trabalho? (% total)



Os anos que o professor dedica ao magistério estão relacionados às opiniões manifestadas por ele. À medida que a idade aumenta, reduz-se a insatisfação produzida pelo isolamento e pelas críticas profissionais. No entanto, com o passar dos anos, eles se sentem pior diante da falta de reconhecimento em sua atividade profissional (ver Quadro 6).

Quadro 6

Sentimento que produz mais insatisfação em seu trabalho: (% segundo anos de magistério).

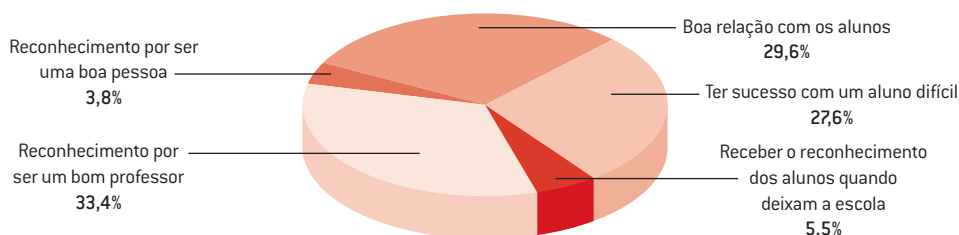
	Anos dedicados ao magistério				
	Menos de 3	3-10	11-20	21-30	Mais de 30
Conflitos habituais	25,0	25,9	21,3	23,6	23,6
Isolamento	10,1	9,4	9,3	10,7	7,1
Falta de reconhecimento profissional	46,9	48,9	55	53,5	56,4
Críticas pessoais	12,0	9,8	8,6	7,3	11,4
Críticas profissionais	5,9	6,3	5,8	4,9	1,4

O próximo aspecto pelo qual se perguntou diz respeito ao sentimento que mais satisfaz o professorado em relação aos alunos e qual é menos satisfatório.

Embora as opiniões gerais se encontrem bastante divididas, novamente aparece a idéia de que o que mais satisfaz é o reconhecimento de ser um bom professor (33,4%), enquanto aqui o menos valorizado é o de ser visto como uma boa pessoa (3,8%) (ver Gráfico 22).

Gráfico 22

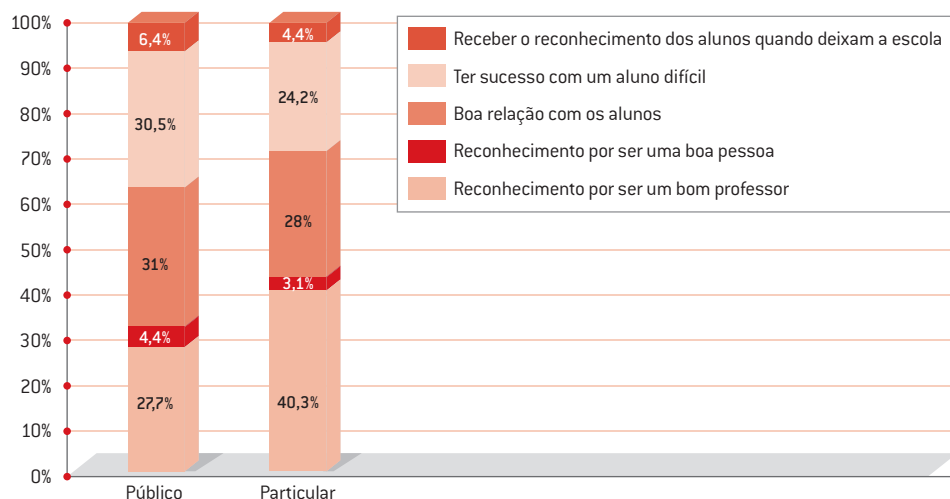
Que situações lhe dão mais satisfação em relação aos alunos? [% total]



O tipo de escola à qual pertencem os professores também é uma variável que introduz diferenças: a maior parte dos docentes brasileiros de escolas particulares destaca a opção de “reconhecimento por ser um bom professor” (40,3%), enquanto os das escolas públicas assinalam em maior proporção a alternativa de “ter boas relações com os alunos” (31%), seguida muito de perto por “ter sucesso com um aluno difícil” (ver Gráfico 23).

Gráfico 23

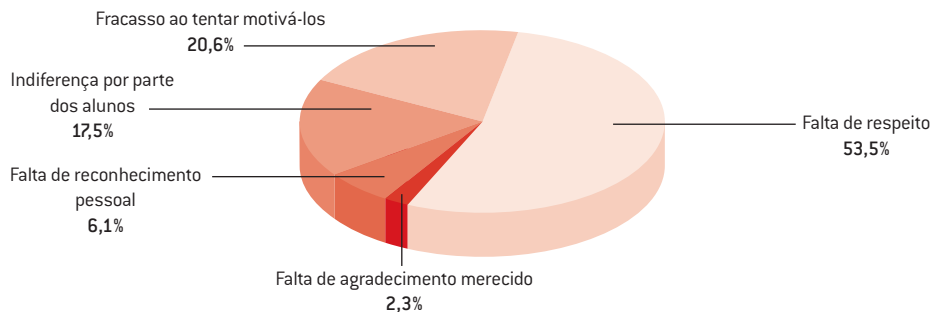
Que situações lhe dão mais satisfação em relação aos alunos? [% por tipo de escola]



Diante da pergunta “O que é mais insatisfatório em relação aos alunos?”, as respostas assinalam principalmente a “falta de respeito” (53,5%) e, em segundo lugar, o “fracasso em interessar os alunos” (20,6%) (ver Gráfico 24).

Gráfico 24

Que situações lhe dão mais insatisfação em relação aos alunos? [% total]



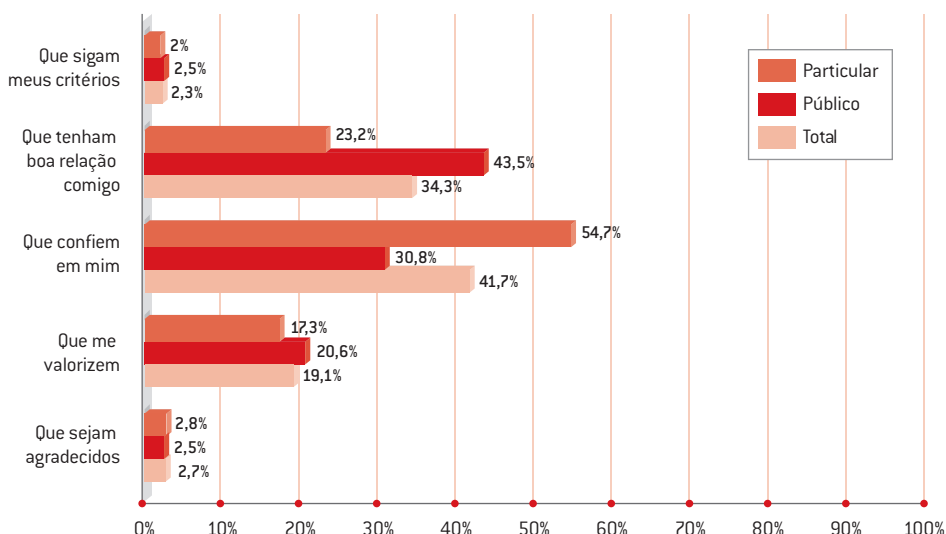
Para finalizar a análise sobre os sentimentos e afetos dos professores, perguntou-se acerca dos aspectos mais satisfatórios e os menos positivos nas relações com os pais dos alunos.

As opções assinaladas como melhores são conseguir a confiança dos pais (41,7%) e ter relações cordiais com eles (34,3%). Já as menos valorizadas são receber agradecimento ou que sigam seus critérios (ver Gráfico 25).

Gráfico 25

Que atitudes dos pais dos alunos lhe dão mais satisfação?

(% total e por tipo de escola)



Nesse aspecto, encontramos algumas diferenças entre o professorado das escolas públicas e particulares. Enquanto para os docentes das escolas públicas é mais satisfatório manter boas relações com os pais dos alunos (43,5%), para mais da metade do professorado das escolas particulares (54,7%) o mais importante é ganhar sua confiança (ver Gráfico 25).

As opiniões acerca das atitudes dos pais que produzem maior satisfação entre o professorado também variam em função da idade dos docentes. Enquanto para os mais jovens é tão importante ganhar sua confiança quanto ter boa relação com eles, para os professores com mais experiência é muito mais importante que confiem neles do que ter boas relações (ver Quadro 7).

Quadro 7

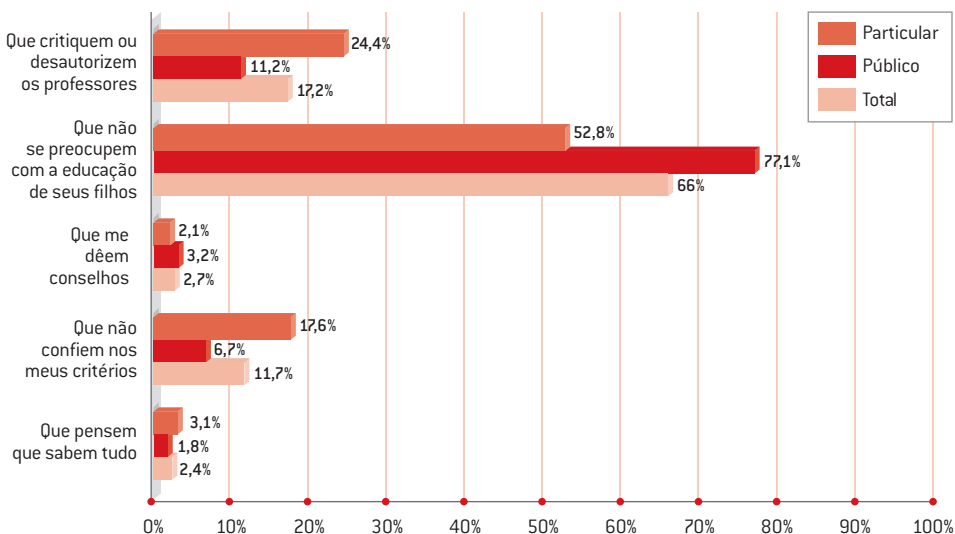
Atitudes dos pais que produzem mais satisfação [% segundo anos de magistério]

	Anos dedicados ao magistério				
	Menos de 3	3-10	11-20	21-30	Mais de 30
Que sejam agradecidos	3,1	2,9	2,3	2,5	2,2
Que me valorizem	18,5	19,8	20,1	16,4	18,1
Que confiem em mim	35,5	37,3	43,7	51,2	50,7
Que tenham boa relação comigo	38,9	37,2	32,6	27,7	27,5
Que sigam meus critérios	4	2,8	1,4	2,2	1,4

Ao fazer a pergunta inversa, isto é, “*Que sentimento produz em você insatisfação em relação aos pais dos alunos?*”, 66% dos entrevistados indicam que o pior é a falta de preocupação com a educação de seus filhos, seguido, a muita distância, das críticas ou desautorizações ao professorado (17,2%). Se analisarmos as respostas por tipo de escola, observaremos que o que mais incomoda mais de três quartos dos docentes da rede pública (77,1%) é que os pais não se ocupem da educação dos filhos, sendo essa porcentagem reduzida a 52,8% no caso do professorado da rede particular (ver Gráfico 26).

Gráfico 26

Que atitudes dos pais de seus alunos produzem em você um sentimento de maior insatisfação? [% total e por tipo de escola]



Em resumo

- ✓ Os professores consideram, em geral, que o que os alunos mais valorizam neles são aspectos sociais e afetivos, mais do que científicos.
- ✓ Quase 90% do professorado está satisfeito com a relação que tem com seus colegas de trabalho.
- ✓ O sentimento que mais satisfaz os professores em seu trabalho é serem reconhecidos como bons professores e como pessoas íntegras.
- ✓ O mais insatisfatório para os docentes é a falta de reconhecimento profissional, sendo esse aspecto mais insatisfatório à medida que a idade aumenta.
- ✓ Em relação aos alunos, o que mais os satisfaz também é serem vistos como bons professores, especialmente para os docentes das escolas particulares. Os professores das escolas públicas consideram mais satisfatório manter boas relações com os alunos.
- ✓ O menos satisfatório para os professores em relação aos alunos é a falta de respeito.
- ✓ Em relação aos pais dos alunos, o mais gratificante é conseguir sua confiança e ter boas relações com eles. Para os professores de escolas públicas, é mais importante manter relações positivas com os pais e para os das particulares que confiem neles.
- ✓ O que mais incomoda os docentes, e em especial os das escolas públicas, é que os pais não se preocupem com a educação de seus filhos.

3.5. Autoconceito e auto-estima

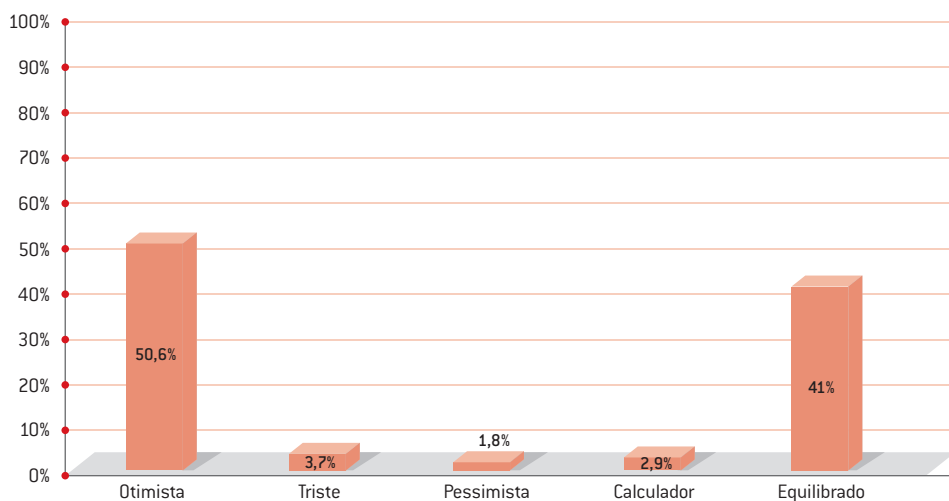
Um dos temas que suscitam mais interesse atualmente se refere ao estado de ânimo dos professores. Numerosas pesquisas põem em evidência que se trata de um grupo que se define como desanimado, cansado e no qual existe uma alta taxa de depressão.

Como primeiro elemento de análise, considerou-se interessante conhecer como eles mesmos se definem, em sua vida pessoal e profissional.

No nível pessoal, a maioria se considera otimista (50,6%) e equilibrada (41%) e só 1,8% se definem como pessimistas (ver Gráfico 27).

Gráfico 27

Como você definiria a si mesmo? [% de resposta total]

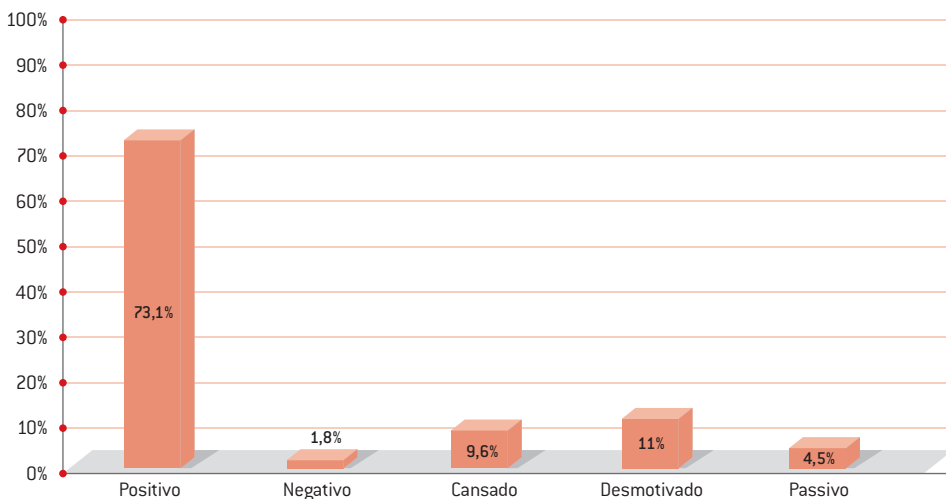


Em relação a sua atividade profissional, os resultados são também favoráveis, já que 73,1% dos docentes se definem como positivos. Não obstante, há 11% que se sentem desmotivados e 9,6% cansados (Gráfico 28).

Nesse aspecto, a idade mantém relação com os sentimentos do professorado em face do seu trabalho, embora curiosamente sejam os professores mais velhos, ao invés dos jovens, os que se definem mais positivos, sendo os jovens os que se sentem mais cansados e mais negativos. Esses dados contrastam com os resultados dos docentes espanhóis (ver Quadro 8).

Gráfico 28

Como você se definiria em relação a sua profissão? (% de resposta total)



Quadro 8

Como você se definiria em relação a seu trabalho?

(% segundo anos de magistério. Comparação Brasil e Espanha)

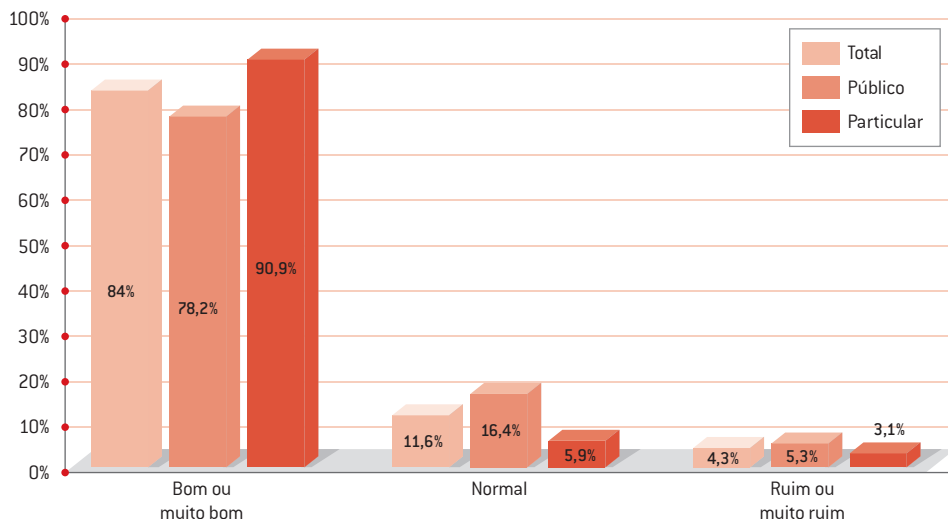
	Anos dedicados ao magistério									
	Menos de 3		3-10		11-20		21-30		Mais de 30	
	Espanha	Brasil	Espanha	Brasil	Espanha	Brasil	Espanha	Brasil	Espanha	Brasil
Positivo	91,3	69,9	85,2	70,2	74,8	74	72,4	76,7	69,2	81,6
Negativo	0,6	4	1	1,8	0,7	1,3	0,4	0,7	0,8	1,4
Cansado	3,1	11,5	6,9	10,9	15,9	9,2	18,9	7,5	17,3	5,7
Desmotivado	4,4	9,4	6,4	12,4	8,2	12,2	8	9,5	12,3	6,4
Passivo	0,6	5,2	0,5	4,8	0,5	3,3	0,2	5,6	0,4	5

O segundo aspecto considerado é a avaliação que cada professor faz de si, indagando sobre o que considera que é sua principal virtude e seu maior defeito nesse campo.

Diante da pergunta “Como considera seu trabalho como professor?”, a maioria dos entrevistados se define como “bons ou muito bons” (84%) e “normais” (11,6%). Só 4,3% consideraram que seu trabalho docente é ruim. Se se observa o Gráfico 29, vê-se que os professores de escolas particulares se consideram melhores do que das escolas públicas.

Gráfico 29

Como considera seu trabalho como professor? (% de resposta total e por tipo de escola)



Continuando, foi apresentada uma série de alternativas sobre sua principal virtude em seu trabalho com os alunos, para que selecionassem a que estava mais de acordo com seus sentimentos.

Em relação ao mais positivo, embora as opiniões gerais estejam bastante divididas, o que mais se destaca é o fato de “se preocuparem com seus alunos” (35,4%) e terem uma “metodologia diversificada” (22,7%) (ver Gráfico 30). Nesse aspecto, não se encontram diferenças em função do tipo de escola, nem dos anos de antiguidade.

Na pergunta seguinte, a respeito de qual é seu maior defeito como professor, uma porcentagem muito alta assinalou que “não é fácil compreender alunos mais difíceis” (64,6%), embora apenas 1,8% indiquem ter relações ruins com alunos em geral (ver Gráfico 31).

Comparando essas respostas com as recebidas na pergunta anterior, vemos que, embora o que mais destaquem como positivo seja que se preocupam com todos os seus alunos, também reconhecem que às vezes têm dificuldade em compreender alunos difíceis. Isso tem grande relevância dentro do contexto educacional atual, em que a realidade da sala de aula apresenta uma enorme heterogeneidade.

Gráfico 30

Qual é sua principal virtude em seu trabalho com os alunos? (% de resposta total)

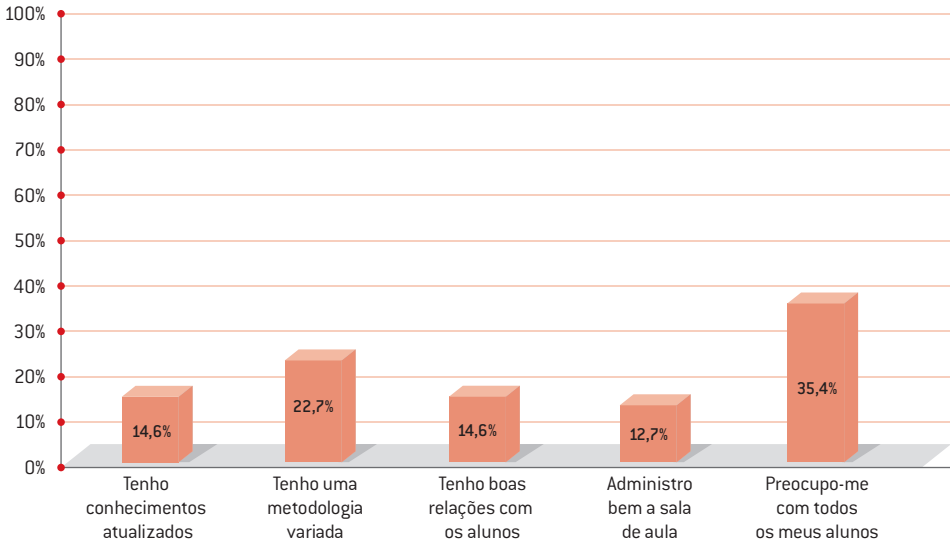
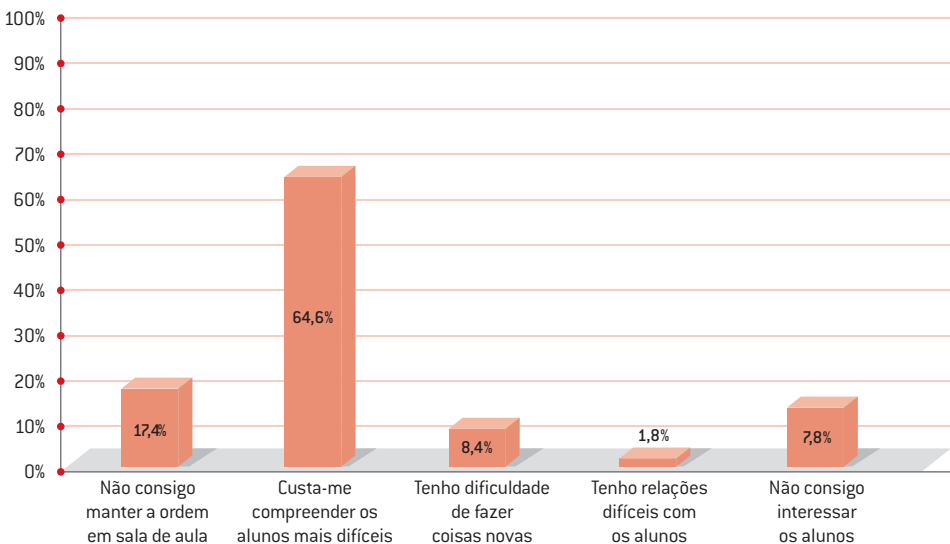


Gráfico 31

Qual é seu principal defeito como professor? (% de resposta total)



Ao analisar as opiniões acerca do principal “defeito” como professor em função dos anos de magistério, constata-se que com os anos deixa de ser um problema o controle da sala de aula, mas ganham força o sentimento de incompreensão em face de determinados alunos difíceis, o fato de não conseguir interessar os alunos e o desafio de ter de fazer coisas novas (ver Quadro 9).

Quadro 9**“Defina seu principal defeito como docente” (% segundo anos de magistério)**

	Anos dedicados ao magistério				
	Menos de 3	3-10	11-20	21-30	Mais de 30
Não consigo manter a ordem em sala de aula	28,9	19,3	12,9	10,4	12,3
Custa-me compreender os alunos mais difíceis	56,4	63,1	70,7	66,4	59,6
Tenho dificuldade de fazer coisas novas	6,7	8,2	8,3	10	12,3
Tenho relações difíceis com os alunos	1,3	2	1,4	2,8	3,5
Não consigo interessar os alunos	6,7	7,5	6,8	10,4	12,3

Outro aspecto considerado problemático no ensino é o cansaço que às vezes se associa a essa profissão, assim como a queixa que os professores manifestam de vez em quando sobre a falta de promoção no trabalho docente. Para comprovar se essa visão é correta, perguntou-se a eles se sentem que progrediram em seu trabalho e, em caso afirmativo, a que atribuem esse desenvolvimento.

A maioria, 87,4% dos entrevistados, sente que é melhor professor atualmente do que há alguns anos, enquanto 12,6% opinam o contrário (ver Quadro 10).

Quadro 10**Você acha que é um professor melhor do que há alguns anos? (% total)**

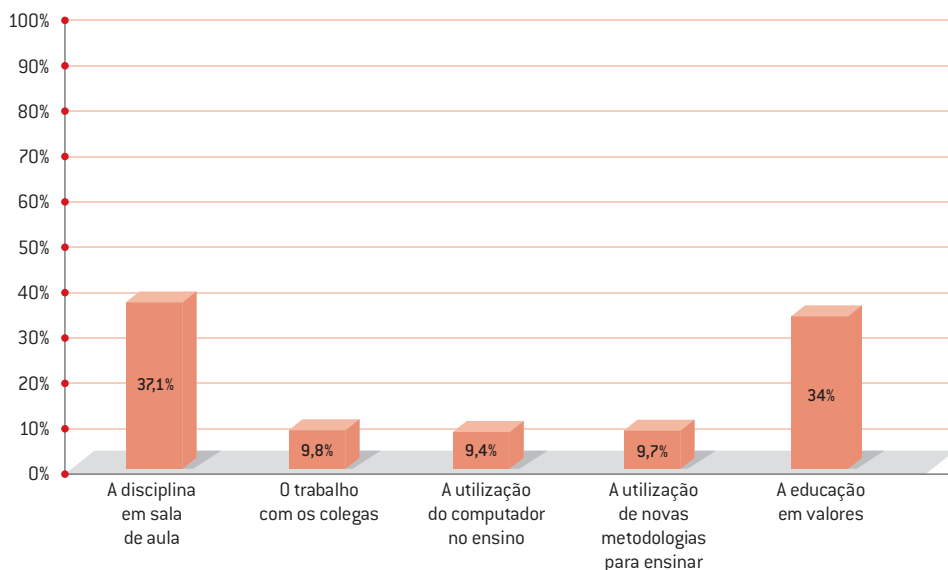
	Total
Sim	87,4
Não	12,6

Por último, foram incorporadas duas perguntas por meio das quais se pretende determinar quais aspectos concretos são os que suscitam mais dificuldades para os professores.

Das cinco alternativas apresentadas, as duas mais assinaladas como problemáticas são a manutenção da disciplina em sala de aula (37,1%) e a educação em valores (34%) (ver Gráfico 32).

Gráfico 32

Que aspecto da educação suscita mais dificuldades? [% de resposta total]



Com a passagem dos anos, a percepção do que é considerado problemático muda? As respostas às perguntas anteriores parecem indicar que sim. Das alternativas apresentadas, a manutenção da ordem em sala de aula perde importância e ganha força como problema a educação em valores (ver Quadro 11).

Quadro 11

Qual destas questões suscita mais dificuldades? [% segundo anos de magistério]

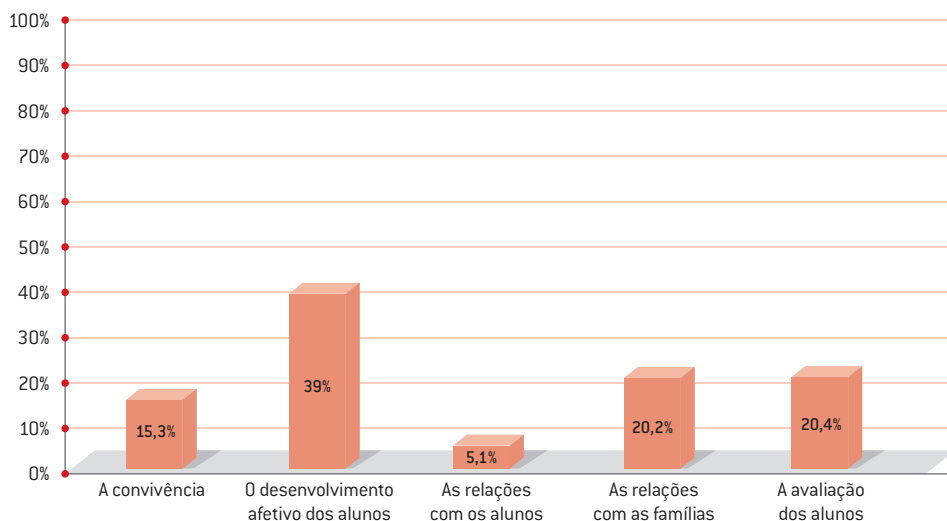
	Anos dedicados ao magistério				
	Menos de 3	3-10	11-20	21-30	Mais de 30
A disciplina em sala de aula	43,4	40,5	33	33,8	34,5
O trabalho com os colegas	11,8	9,3	8,7	11	10,1
A utilização do computador no ensino	10,1	8,3	10,2	9,4	8,6

A utilização de novas metodologias para ensinar	9,9	12,4	9,1	6,9	6,5
A educação em valores	24,8	29,4	39	38,9	40,3

A última pergunta proposta também oferecia cinco opções, das quais era preciso selecionar uma. Os dados indicam que o que se percebe como mais problemático é o cuidado com o desenvolvimento afetivo e social dos alunos (39%) (ver Gráfico 33).

Gráfico 33

E destas outras? [% de resposta total]



Em resumo

- ✓ 50% dos professores se definem como equilibrados e 41% como otimistas em sua vida pessoal; 73,1% afirmam ser positivos em relação a seu trabalho.
- ✓ Ao contrário do que se esperaria, os professores mais velhos são os mais positivos em relação a sua profissão, enquanto os mais jovens se sentem mais cansados e desmotivados com seu trabalho.
- ✓ A grande maioria dos professores opina que realiza um bom trabalho docente e indica que sua principal virtude com os alunos é se preocupar com eles.
- ✓ Mais da metade dos professores indica que seu maior defeito como docente é ter dificuldade de compreender os alunos mais problemáticos.

- ▶ ✓ 87,4% sentem que são melhores professores agora do que há alguns anos.
- ✓ As questões que apresentam mais dificuldade para os professores são a disciplina em sala de aula e o desenvolvimento social e afetivo dos alunos.
- ✓ Com a passagem dos anos, o controle da sala de aula perde importância e ganha força a educação em valores.

3.6. Educação em valores

O tema da educação em valores é uma das questões priorizadas e de grande relevância dentro dos debates educacionais atuais. No entanto, a forma como deve ser incluída, assim como o desenvolvimento de seu conteúdo ou em quem deve recair a responsabilidade por sua transmissão suscita enorme polêmica e, em muitos casos, diversidade de opiniões.

Em primeiro lugar, perguntou-se o que entendem por “educar em valores”. Para isso, propôs-se a seguinte afirmação: “Educar em valores é transmitir os valores estabelecidos”. Como se pode observar no Quadro 12, as opiniões estão claramente divididas: enquanto praticamente a metade dos professores concordou, a outra metade não compartilha essa opinião e 10% se mantêm indiferentes.

Quadro 12

Educar em valores é transmitir valores estabelecidos [% total]

	Total
Muito em desacordo ou em desacordo	46
Indiferente	10
De acordo ou muito de acordo	44

Não há diferenças significativas em função da idade e da escola ser pública ou privada.

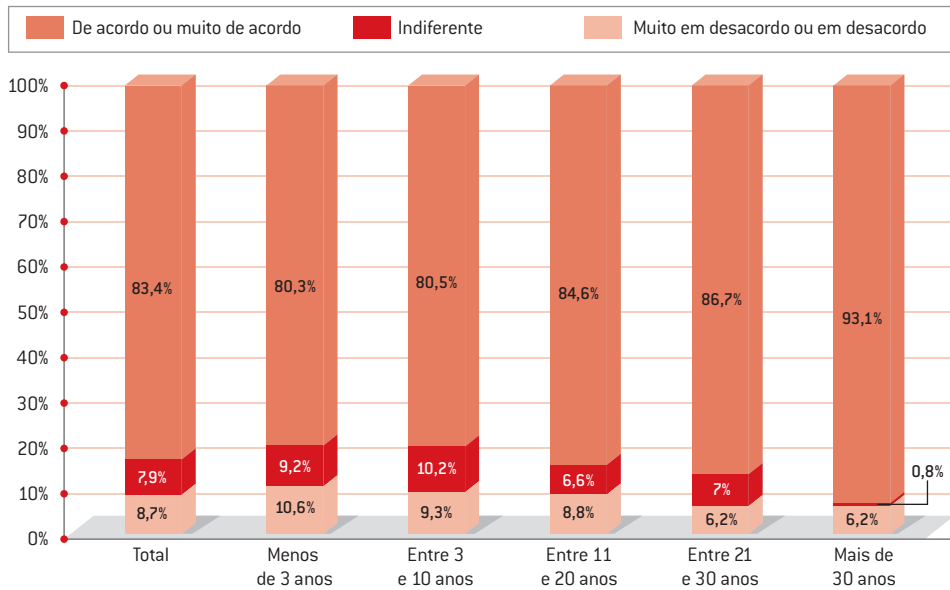
Se o professor é a figura moral de referência dos alunos, como ele deve se comportar? Deve dar o exemplo em sua vida privada dos valores que transmite?

Diante dessa pergunta, a grande maioria dos professores (83,4%) parece ter clareza de que é necessário que haja coerência entre o que se ensina e o que se faz. Não obstante, também existem 8,7% que não consideram isso necessário (ver Gráfico 34).

Se prestarmos atenção à idade, poderemos comprovar que os docentes jovens são os que mais rejeitam a extensão dos valores profissionais à vida pessoal. Sua posição indica que eles manifestam uma concepção que separa o trabalho, por mais importante e vocacional que seja, do resto das atividades que a pessoa realiza fora do mesmo (ver Gráfico 34).

Gráfico 34

Grau de concordância com “Um professor deve se comportar em sua vida privada de acordo com os valores morais que ensina” (% total e antiguidade docente)

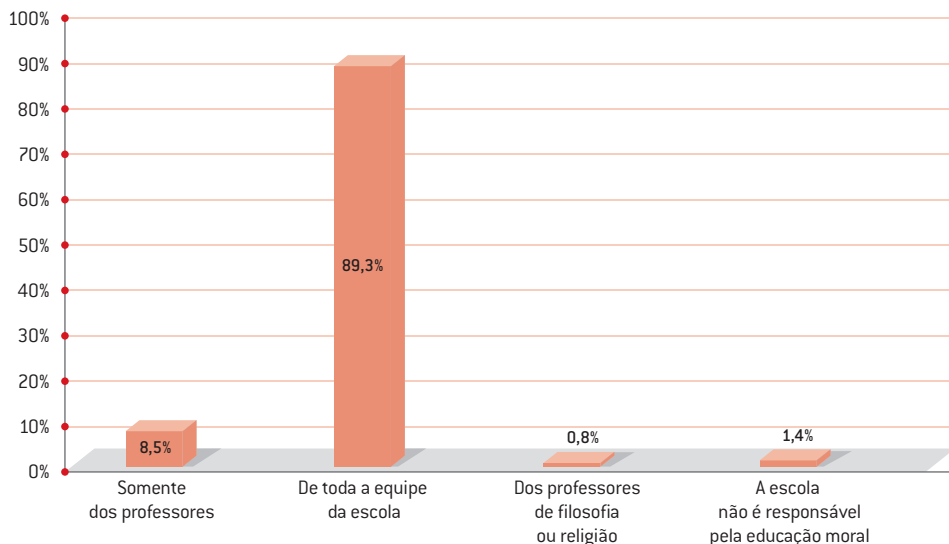


Na hora de valorizar como levar a cabo uma boa educação em valores, é fundamental compreender se o professor se sente responsável pela formação moral dos alunos ou se, pelo contrário, considera que seu trabalho se limita ao aspecto meramente acadêmico. Para isso, perguntou-se de quem consideravam que dependia essa formação dos estudantes da escola: 89,3% dos professores acreditam que é de responsabilidade de toda a equipe da escola e só 1,4% opinam que não é competência da escola (ver Gráfico 35).

Em relação à variável de idade, conforme os anos de dedicação ao ensino aumentam a idéia de que a escola não é responsável pela educação moral dos alunos (ver Quadro 13).

Gráfico 35

A educação moral dos alunos é de responsabilidade... [% de resposta total]



Quadro 13

A educação moral dos alunos é de responsabilidade... [% segundo anos de magistério]

	Anos dedicados ao magistério				
	Menos de 3	3-10	11-20	21-30	Mais de 30
Somente dos professores	12,5	8,8	5	10,1	10,7
De toda a equipe da escola	83,7	88,5	93,2	88,8	87,5
Dos professores de filosofia ou religião	1,2	1,2	0,5	0,2	1,4
A escola não é responsável pela educação moral	2,6	1,5	1,2	0,9	0,7

Em resumo

- ✓ 44% dos professores opinam que educar em valores é transmitir os valores estabelecidos e 46% opinam o contrário.
- ✓ A maioria dos docentes afirma que um bom professor deve se comportar segundo os valores que ensina. Os mais jovens são os que mais rejeitam a extensão dos valores profissionais à vida pessoal.

- ✓ 89,3% dos professores opinam que a educação moral dos alunos é de responsabilidade de toda a equipe da escola. À medida que os anos de magistério aumentam, diminui a porcentagem dos que pensam que não é de responsabilidade da escola.

3.7. Expectativas, normas e valores

Outro aspecto importante a ser analisado são as expectativas e valores que os professores, envolvidos diretamente com a educação dos alunos, definem como fundamentais e que, portanto, tentarão fomentar em suas escolas.

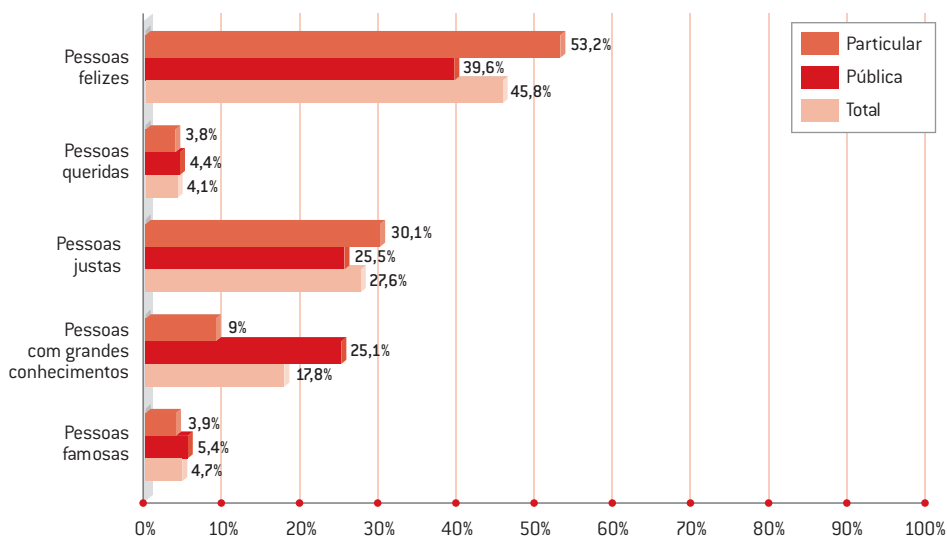
As duas primeiras perguntas apresentadas neste item se centram em conhecer quais expectativas os professores têm sobre o futuro de seus alunos e qual é, em sua opinião, o maior defeito de seus alunos.

Quase metade dos professores (45,8%) afirma que gostaria que seus alunos fossem principalmente “*peças felizes*”, como segunda opção, “*peças justas*” (27,6%) e, em terceiro lugar, “*peças com grandes conhecimentos*” (17,8%).

Embora essa ordem se mantenha tanto entre os professores de escolas públicas como particulares, é importante observar que, enquanto os docentes de escolas particulares

Gráfico 36

Gostaria que meus alunos fossem principalmente... [% de resposta total e por tipo de escola]



assinalam que o mais importante é “*ser feliz*” (53,2%) e “*ser justo*” (30,1%), o professorado de escolas públicas valoriza praticamente na mesma proporção “*ser justo*” (25,5%) e “*ter grandes conhecimentos*” (25,1%), sendo esse último um aspecto que só 9% dos professores das escolas particulares destacam como importante (ver Gráfico 36).

Também parece que, com o passar dos anos, as prioridades acerca do que é mais importante chegar a ser na vida vão se modificando. Como se pode observar no Quadro 14, à medida que aumenta a idade, dá-se mais importância a “*ser feliz*” e “*justo*” do que a “*ter grandes conhecimentos*”.

Quadro 14

Gostaria que meus alunos fossem... [% segundo anos de magistério]

	Anos dedicados ao magistério				
	Menos de 3	3-10	11-20	21-30	Mais de 30
Pessoas famosas	7,9	4,3	2,8	5,9	3,5
Pessoas com grandes conhecimentos	22,3	22,5	14,4	13,9	10,6
Pessoas justas	29,3	26,6	28,5	26	34,5
Pessoas queridas	4,5	4,2	4	2,8	4,2
Pessoas felizes	36	42,3	50,4	51,4	47,2

Em relação ao principal defeito dos alunos, o que mais parece preocupar os professores é a falta de esforço (39,4%) e de responsabilidade (32,5%). Esses mesmos dois defeitos são os que os docentes espanhóis assinalam como principais, embora, como se pode ver no Gráfico 37, eles dêem maior ênfase à falta de esforço (63,8%) do que à falta de responsabilidade (25,1%).

As perguntas seguintes abordam de forma direta que virtude, no julgamento dos professores, é mais importante inculcar nos jovens, qual é mais importante nos docentes e, de forma mais geral, na sociedade como um todo.

Em primeiro lugar, em relação aos jovens, mais de 60% do professorado parece concordar que a virtude necessária para eles é a “*responsabilidade*” e, em segundo lugar (20,2%), a “*honestidade*” (ver Gráfico 38).

Gráfico 37

A característica mais negativa dos meus alunos é...

[% total. Comparação entre Brasil e Espanha]

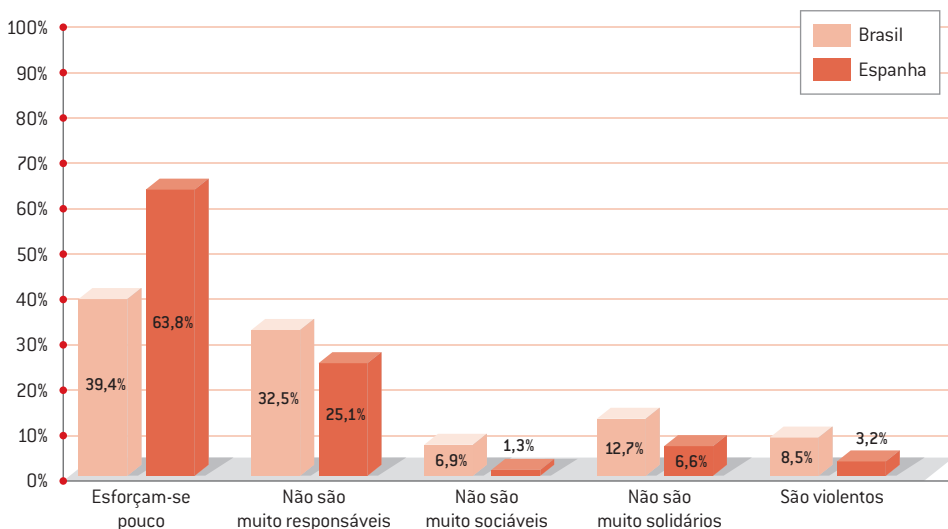
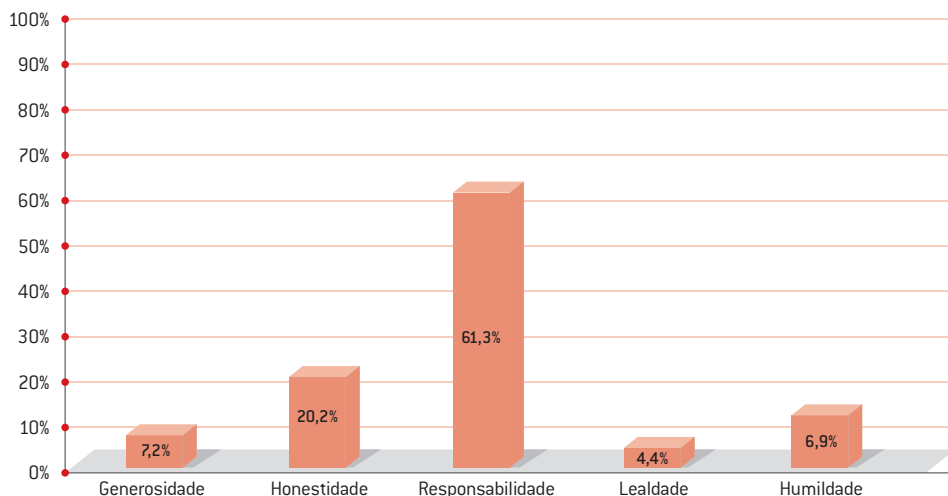


Gráfico 38

A virtude que deveria ser inculcada nos jovens é... [% total]

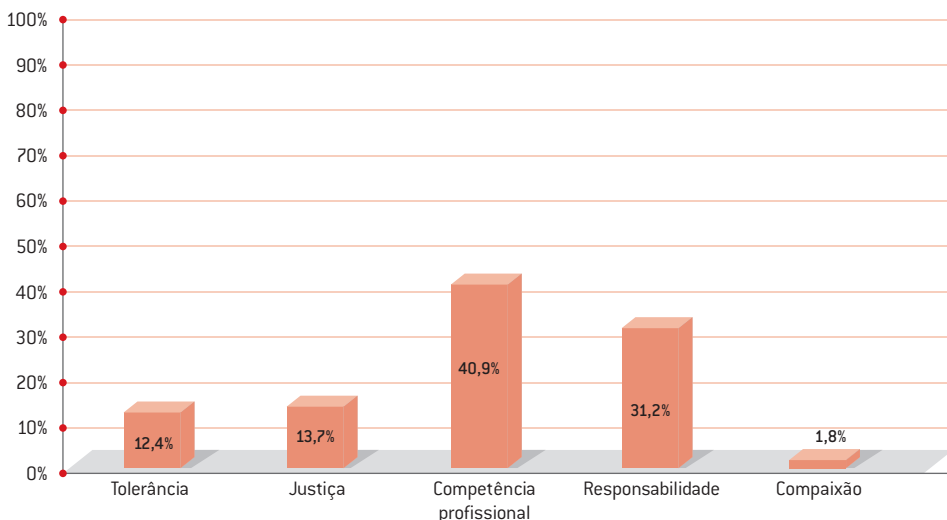


Sobre a virtude mais necessária para a atividade docente, 40,9% dos professores opinam que é a “competência profissional” e, em segundo lugar, destacam a “responsabilidade” (31,2%) (ver Gráfico 39).

O último aspecto analisado pergunta pela virtude que eles consideram mais importante, mas desta vez no nível social.

Gráfico 39

Que virtude você considera mais importante para um professor? (% de resposta total)



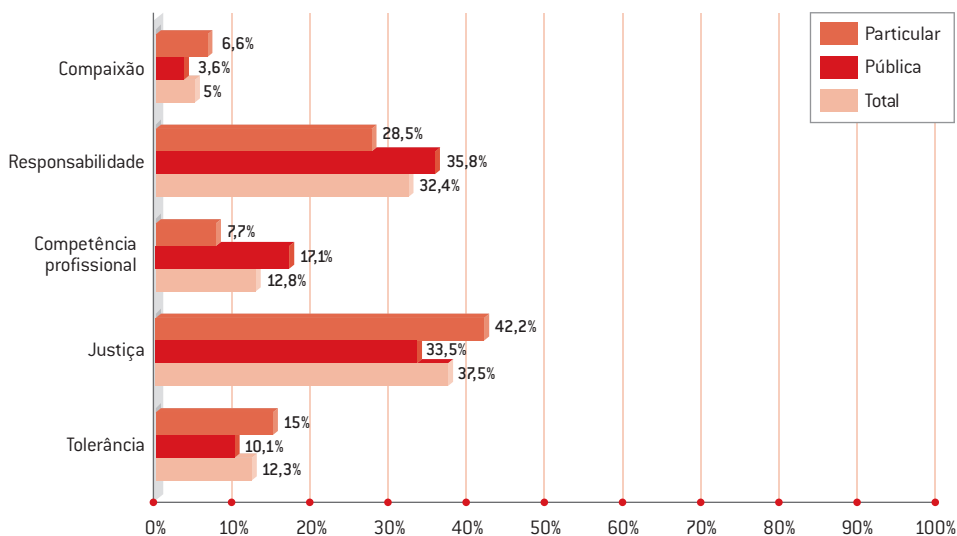
As opiniões também neste caso estão bastante divididas, mas desta vez o primeiro lugar é ocupado pela justiça (37,5%), embora de novo se destaque a responsabilidade (32,4%). Ainda que na pergunta anterior os docentes julgassem a competência como o valor mais necessário para o exercício de sua profissão, num nível mais geral isso perde importância, abrindo passagem para outros valores considerados mais importantes (ver Gráfico 40).

Se observarmos o Gráfico 40 veremos como, em relação aos valores mais importantes para a sociedade, o professorado das escolas particulares antepõe a justiça (42,2%) à responsabilidade (28,5%), enquanto o professorado das escolas públicas, embora com pouca diferença entre um e outro, assinala a responsabilidade como o valor mais importante (35,8%) e, em segundo lugar, a justiça (33,5%). Também se pode observar como os docentes das escolas públicas outorgam uma importância muito maior do que os das escolas particulares à competência profissional como virtude importante para a sociedade (ver Gráfico 40).

Gráfico 40

Que virtude você considera mais importante para a sociedade?

[% de resposta total e por tipo de escola]



A última pergunta busca uma avaliação mais global sobre o futuro da sociedade.

Os dados gerais nos mostram uma visão que poderíamos considerar muito positiva, já que quase 80% dos docentes opinam que será possível conseguir avanços, embora haja 8,2% deles que indicam que não se progredirá e que haverá inclusive um retrocesso (ver Quadro 15).

Quadro 15

A sociedade do século XXI terá... [% total]

	Total
Um grande ou moderado avanço	78,8
Um avanço reduzido	12,9
Nenhum avanço ou um retrocesso	8,2

É interessante relacionar esses dados com os recolhidos ao perguntar pelos progressos da educação. Observamos que os professores são otimistas em relação ao progresso da sociedade, mas um pouco mais pessimistas quanto ao progresso da educação, já que, como se viu no item 3.3, 54,2% dos professores consideram que a educação vem piorando nos últimos anos.

Poderíamos pensar que se trata de dados contraditórios, já que o progresso social em muitos casos vem de mão dada com o educacional. No entanto, é possível entender que os professores têm confiança naqueles campos nos quais não se sentem diretamente envolvidos e nos quais, portanto, é mais fácil ser positivo.

Em resumo

- ✓ 45,8% dos professores afirmam que gostariam de que, no futuro, seus alunos fossem principalmente pessoas felizes.
- ✓ 39,4% dos entrevistados indicam que o principal defeito dos estudantes é a falta de esforço e 32,5% consideram que são pouco responsáveis.
- ✓ Mais da metade do professorado afirma que a virtude mais importante a ser ensinada para juventude é a responsabilidade.
- ✓ Mais de 40% dos docentes opinam que a virtude mais necessária para o magistério é a competência profissional e, em segundo lugar, a responsabilidade.
- ✓ As duas virtudes mais importantes para a sociedade, na opinião dos docentes, são a justiça e a responsabilidade, embora para 17,1% do professorado de escolas públicas seja a competência profissional.
- ✓ A grande maioria dos docentes tem uma visão muito positiva do avanço da sociedade.

3.8. A formação do professorado

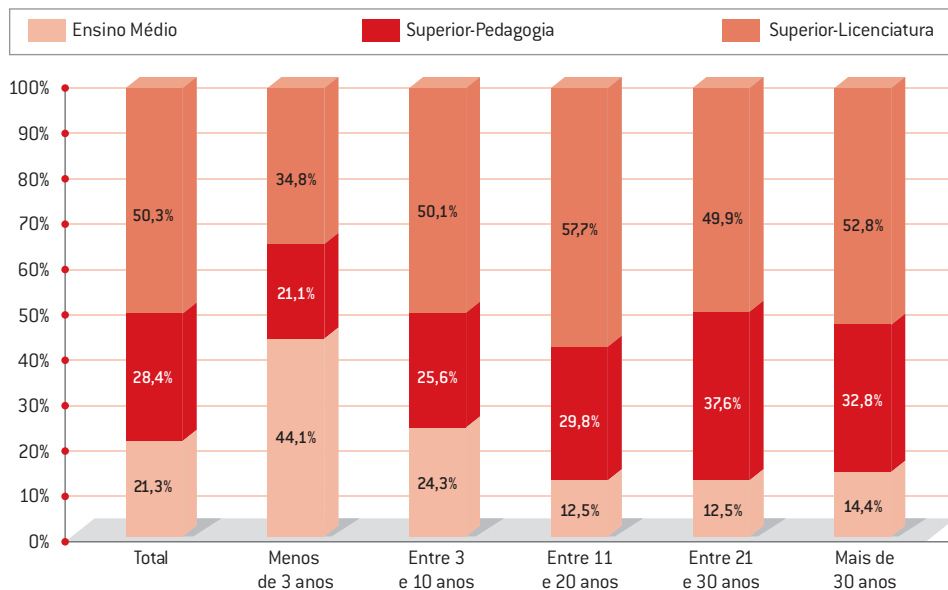
Este último item analisa as características do professorado quanto à sua formação inicial e permanente.

No que diz respeito ao nível de formação inicial, os dados mostram que a metade dos docentes (50,3%) finalizou a Licenciatura, outros 28,4% terminaram a carreira de Pedagogia e os 21,3% restantes finalizaram o Ensino Médio (ver Gráfico 41).

Analisando esses dados por tempo de docência, observa-se que são os professores mais jovens que têm um nível de formação inferior, já que 44,1% deles só terminaram o Ensino Médio, enquanto mais da metade dos professores (52,8%) com mais de 30 anos de magistério finalizou a Licenciatura (ver Gráfico 41).

Gráfico 41

Qual é seu grau de instrução? (% total e antiguidade docente)



Quase a totalidade do professorado (91,2%) tem intenção de continuar estudando para melhorar sua formação e, nesse caso, e em consonância com as respostas dadas à pergunta anterior, são os professores com menos de 20 anos no exercício do magistério que mostram maior interesse, embora não haja diferenças grandes entre os diferentes grupos (ver Gráfico 42).

Também se perguntou se estavam realizando alguma pós-graduação oficial (mestrado ou doutorado) ou algum curso de especialização.

Na primeira pergunta, a maioria dos docentes (81,3%) respondeu que não havia realizado mestrado ou doutorado, mas mais da metade deles (43,7%) realizou cursos de especialização (ver Gráfico 43).

Levando em conta o tempo de docência, observa-se que uma porcentagem maior dos dois extremos da docência – os de menos de três anos e os de mais de 30 de magistério – realizou ou está realizando atualmente mestrados ou doutorados, mas a porcentagem de docentes que participa de cursos de especialização é maior entre os professores com mais experiência do que entre os mais jovens (ver Gráfico 44).

Gráfico 42

Você pretende continuar estudando para aperfeiçoar sua formação?
[% total e antiguidade docente]

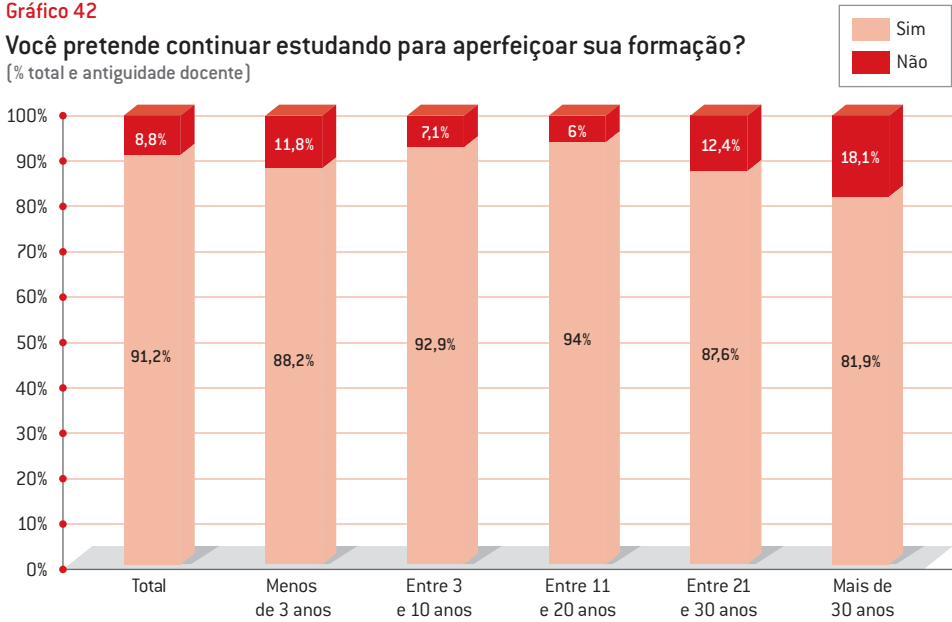


Gráfico 43

Você finalizou ou participa de algum programa de pós-graduação? [% total]

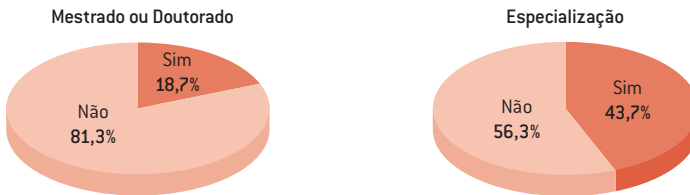
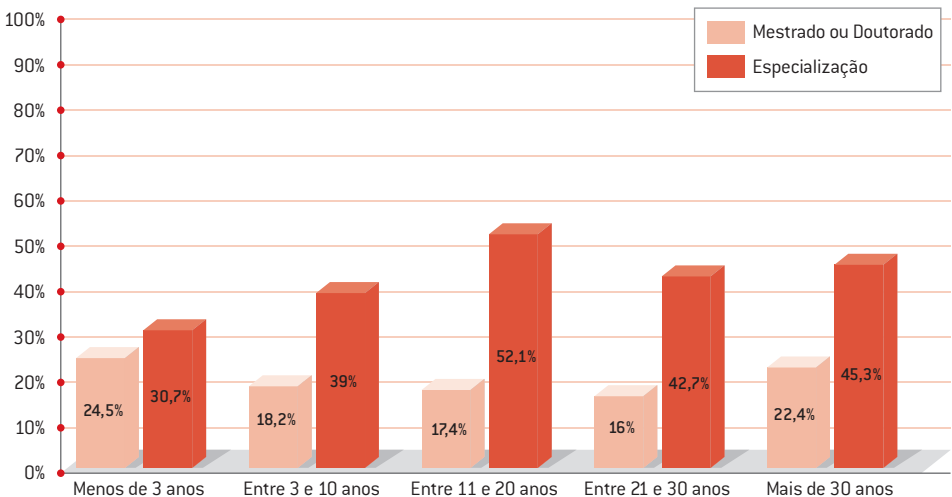


Gráfico 44

Professores que finalizaram ou participam de algum programa de pós-graduação
[% por antiguidade docente]

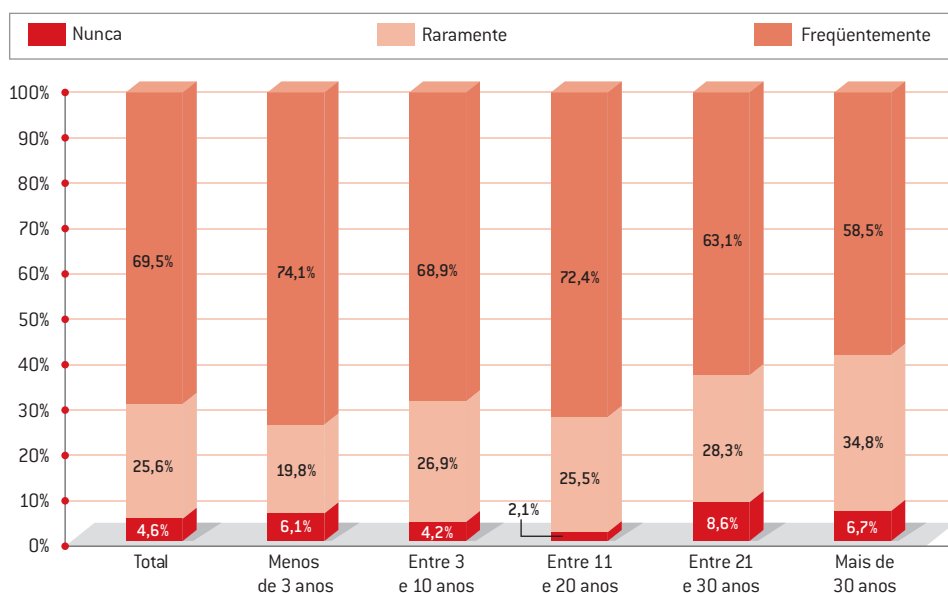


Outra das perguntas realizada acerca da formação tinha a ver com a frequência com a qual participavam de atividades de formação permanente do professorado.

As respostas são bastante positivas, já que quase 70% dos entrevistados afirmaram que o faziam frequentemente. Também neste caso são os docentes mais jovens que participam desse tipo de atividades com mais frequência (ver Gráfico 45).

Gráfico 45

Com que frequência você participa de cursos de formação permanente de professores?
[% total e antiguidade docente]



Em resumo

- ✓ Um pouco mais da metade dos entrevistados tem uma Licenciatura superior.
- ✓ O nível de formação dos docentes mais jovens é notavelmente inferior ao dos professores com mais anos de experiência.
- ✓ Praticamente a totalidade dos docentes tem intenção de continuar estudando para melhorar sua formação.
- ✓ 18,7% dos docentes estão realizando ou terminaram alguma pós-graduação oficial do tipo Mestrado ou Doutorado.
- ✓ Quase a metade do professorado realizou algum curso de especialização como pós-graduação.
- ✓ 69,5% dos docentes participam de cursos de formação com bastante frequência. São os docentes com menos experiência os que participam com mais assiduidade.

4

CONCLUSÕES

Neste último item, serão destacados os pontos mais relevantes do que foi comentado ao longo do relatório.

Em primeiro lugar, cabe mencionar que a grande maioria dos docentes entrevistados considera que para ser professor é necessário ter vocação. De fato, as principais razões pelas quais um dia decidiram se dedicar a essa profissão foram a vocação e o gosto pelo ensino.

Atualmente, um dos motivos fundamentais pelo qual continuam sendo professores e não pensaram em mudar de profissão, continua sendo para mais da metade do professorado, o gosto pelo ensino. Um terço afirma que continua no magistério porque é uma profissão que permite continuar aprendendo. A maioria dos docentes manifesta que não deixaria de ser professor mesmo se pudesse.

Quanto à satisfação com as condições de trabalho, mais da metade dos professores se sente satisfeita, embora um pouco mais de um terço deles manifeste certo grau de insatisfação. Essa insatisfação se dá numa porcentagem maior entre os professores de escolas públicas do que das particulares que, pelas suas opiniões, parecem ter melhores condições de trabalho. Também chama a atenção que sejam os professores com mais anos de experiência docente que se sintam mais satisfeitos nesse aspecto.

Encontramos essa mesma tendência quanto à evolução do nível de satisfação atual em relação ao começo da trajetória profissional. Os professores mais velhos dizem se sentirem mais satisfeitos agora do que quando começaram o magistério, mas só um terço dos mais jovens afirma o mesmo. Também nesse aspecto são os docentes das escolas particulares que em sua maioria dizem se sentir mais satisfeitos agora do que no começo da carreira, enquanto só um quarto do professorado das escolas públicas tem essa opinião. Talvez as condições diferentes nas quais uns e outros devem desenvolver seu trabalho estejam influenciando essas avaliações.

Quanto à percepção do professorado de como seu

trabalho é avaliado de fora, a grande maioria deles considera que nem a sociedade nem os órgãos responsáveis pela educação os valorizam suficientemente. Além disso, a metade dos docentes considera que os pais dos alunos também não os valorizam. Nesse sentido, os professores mais jovens são mais otimistas, já que consideram numa proporção maior que os órgãos educacionais valorizam seu trabalho.

No que se refere às relações entre os professores, a maior parte dos docentes afirma que mantém relações muito positivas com seus colegas. Além disso, mais da metade deles considera que é necessário trabalhar em equipe, embora às vezes seja difícil conseguir. Talvez pelas dificuldades que essa forma de trabalho implica, menos da metade organiza habitualmente seu trabalho em equipe.

A opinião dos professores acerca da evolução sofrida pela educação nos últimos anos está muito dividida. Enquanto um pouco mais da metade do professorado pensa que a educação piorou, a outra metade considera que melhorou.

O sentimento que mais satisfaz os professores em seu trabalho é ser reconhecido como um bom professor e como uma pessoa íntegra. O que produz neles um maior grau de insatisfação dentro do trabalho é a falta de reconhecimento profissional.

Em relação aos alunos, o que os docentes mais valorizam é ser reconhecidos como bons professores, manter uma boa relação com eles e serem capazes de ter sucesso com os mais difíceis. O pior para os docentes é a falta de respeito, junto com a percepção de que fracassam ao motivá-los e o sentimento de que os alunos são indiferentes.

Em relação aos pais dos alunos, o que os professores em geral mais valorizam é conseguir sua confiança e ter uma boa relação com eles. Os professores das escolas públicas valorizam mais as boas relações com os pais e os das escolas particulares consideram mais importante ganhar sua confiança. O que mais incomoda todos eles é que não

se preocupem com a educação de seus filhos, embora esse aspecto seja destacado em maior proporção por professores da rede pública do que pelos das escolas particulares.

O autoconceito dos docentes brasileiros parece bastante positivo. A maioria dos entrevistados se define como otimista e equilibrada em sua vida pessoal e positiva em relação a seu trabalho. Cabe destacar que é o professorado com menos anos de experiência e portanto mais jovens que diz se sentir mais cansado e desmotivado em relação a seu trabalho.

Em geral, os docentes consideram que são bons professores e destacam como virtude fundamental sua preocupação com os alunos, mas mesmo assim reconhecem que têm problemas para compreender os alunos mais difíceis. O que não é fácil no desenvolvimento de sua profissão é manter a disciplina em sala de aula, trabalhar o desenvolvimento socioafetivo dos alunos e a educação em valores.

No que se refere à educação em valores, parece que o professorado tem opiniões muito díspares quanto ao que entendem por isso. Para a metade dele, educar em valores é transmitir os valores estabelecidos, enquanto a outra metade não concorda que esses sejam os valores a transmitir. No que a maioria está de acordo é que um bom professor deve se comportar segundo os valores que ensina. Os mais jovens são os que mais rejeitam a extensão dos valores profissionais a sua vida pessoal.

Por outro lado, quase a totalidade do professorado opina que a educação moral dos alunos é de responsabilidade de toda a equipe da escola e não só de alguns professores em particular.

Quanto às expectativas e valores do professorado, quase a metade dos docentes gostaria que no futuro seus alunos fossem pessoas felizes e consideram que os principais defeitos dos alunos são a falta de esforço e de responsabilidade. Conseqüentemente, acreditam que a virtude que se deveria ensinar aos jovens é a responsabilidade.

Para ser professor, acreditam que o mais importante são a competência profissional e a responsabilidade e, em relação à sociedade, consideram que as virtudes mais importantes são a justiça e a responsabilidade.

Em geral, o professorado tem uma visão muito positiva do desenvolvimento da sociedade, já que mais de um quarto dos professores considera que ao longo deste século haverá muitos avanços.

Por último, no que se refere à formação do professorado, observa-se como, apesar de que mais da metade dos docentes tem um título superior, o nível de formação dos mais jovens é bastante inferior ao dos docentes com anos de magistério. No entanto, a grande maioria considera necessário continuar se formando e, de fato, uma porcentagem bastante elevada assiste freqüentemente a cursos de formação, sendo essa porcentagem mais alta entre os docentes mais jovens.



A **Fundação SM** trabalha em favor de uma sociedade mais justa. Através de programas de promoção social, projetos pedagógicos, prêmios literários e apoio a pesquisas, a Fundação tem como objetivo favorecer a inclusão social e fomentar a Educação e a Cultura nos países onde atua.

Em virtude da identificação entre o compromisso da **Fundação SM** e a **Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI)**, as duas instituições têm o prazer de apresentar o estudo *As emoções e os valores dos professores brasileiros*, um convite à reflexão sobre o papel do educador dentro do sistema de ensino e a sua contribuição às políticas educacionais.



Organização
dos Estados
Ibero-americanos

Para a Educação,
a Ciência
e a Cultura



Rua Gomes de Carvalho 1511 Mezanino
Vila Olímpia 04547-005 São Paulo/SP
Tel. 11 3847-8919 Fax 11 3847-8945
edicoessm@grupo-sm.com
www.edicoessm.com.br